Impresso na Gráfica Editôra Brasileira Ltda., à rua Luís Gama, 185.
São Paulo, Brasil, 1961.

Humberto de Campos
(Da Academia Brasileira de Letras)

Mealheiro de Agripa

(Crônicas)

EDITÔRA MÉRITO S. A.
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO
PÔRTO ALEGRE — RECIFE

Esta edição das Obras Completas de Humberto de Campos foi impressa, segundo os desejos dos herdeiros do autor, na ortografia do acôrdo do ano de 1931 entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa, do qual o autor foi um dos signatários e cujo vocabulário foi publicado em 1933.

ALQUIMIA

Acusado de exercer a magia, celebrando pactos com as potestades infernais, abandonou Cornélio Agripa, uma noite, o seu laboratório em Colônia, e partiu, sòzinho, pelo mundo, fugindo aos perseguidores. Por onde passava, nessa grande viagem sem destino, espalhava moedas de ouro, das que pareciam mais puras, mais luzentes, mais autênticas. Os estalajadeiros, que o agasalhavam nas estradas, guardavam, contentes, aquelas demonstrações de generosidade do hóspede. Decorrido, porém, algum tempo, quando iam abrir a sua arca, para rever o pecúlio, encontravam, apenas, no lugar do dinheiro, pedaços de couro, fragmentos de concha, punhados de cinza.

Êste livro é o mealheiro de Agripa. Nele pôs o mágico, durante um ano, o "ouro" da sua alquimia. Abrí-o, porém, com cuidado, para que o "tesouro" se vos não desfaça nas mãos...

H. de C.

A

José Carlos de Macedo Soares

I

O CARRO DE GÓRDIO

AINDA vinha longe, nas nuvens do futuro, a alvorada dos novos tempos, e já Ibsen afirmava profético e grave, que o século XX seria assinalado sobretudo pelo predomínio do operário e pela emancipação da mulher. Alvoreceu o século, clareou o dia, e aí está em marcha, quasi realizada, a soturna predição do Nostradamus do polo.

A vitória do operário, pelo menos, era fatal, e vinha sendo anunciada do fundo das idades, através das civilizações, pela voz de todos os símbolos. A exaltação de Górdio, entre os frígios, era, já, o anúncio claro, soberbo e eterno, da vitória dos que trabalham.

Górdio, camponês da Frígia, laborava no campo, uma tarde, com bois de aluguel, quando todos os pássaros, misturando as penas e os cantos, vieram voar, em tumulto, em tôrno do seu carro. Consultados os áugures, estes disseram, fiéis e serenos:

— Descansa e tem fé; hás de ter aos ombros, em breve, a púrpura dos monarcas!

Por essa mesma época, marchavam os frígios a consultar os oráculos, pedindo-lhes conselho sôbre a escolha de um novo soberano, quando ouviram, saindo da terra, uma voz, que lhes dizia:

— Ide ao templo de Júpiter: se encontrardes em caminho um homem conduzindo um carro de bois, proclamai-o vosso rei, em nome dos deuses!

Górdio foi encontrado na estrada, e proclamado rei. O seu carro, modesto e sólido, foi depositado no templo de Júpiter, onde Alexandre, símbolo da violência e da tirania, lhe cortou, depois, os nós, com o fio da sua espada.

O operariado vinha, há séculos, com o seu carro em marcha pelos caminhos do tempo. As aves da esperança voavam-lhe em tôrno anunciando-lhe a realeza futura. E esta chegou, afinal, entre o aplauso dos povos. Górdio é rei. Onde está o Alexandre capaz de cortar, agora, as cordas do seu carro triunfante?

II

OS POMBOS DE MERCÚRIO

UM dos edifícios ornamentais da cidade, é, indubitàvelmente, o da Bolsa, à rua 1.º de Março. Comprimido entre prédios altos, em um local onde as carroças, os bondes e os automóveis não consentem que o transeúnte levante os olhos da terra, o palácio de Mercúrio apodrece no bairro comercial sob a sua camada de poeira, sem que os homens lhe admirem, tranquilamente, as linhas da arquitetura.

E estas, a quem as observe com serenidade, são, isoladas, ou no seu conjunto, soberbas e severas. As cariátides exteriores, em que os deuses sustentam, como filhos de Atlas, o pêso do edifício, emprestam à obra uma enérgica austeridade de monumento antigo, trabalhado pelos titãs. Sobrecarregados de pedras, Mercúrio e Netuno, em bronze forjado no Etna, distendem os músculos, dilatam as narinas, rete-

sam as veias, num esfôrço silencioso. Minerva e Ceres, submetidas ao mesmo cativeiro ignominioso, oferecem ao mundo os seios túrgidos, para amamentar as gerações. E enquanto os deuses se quedam como escravos dos homens, os leões de bronze, meio saídos da pedra, seguram as ogivas, protegem os portais, coroam as columatas, mostrando os dentes esverdeados, onde as aranhas fiam a túnica do Silêncio e do Olvido. À tarde, quando sopra a viração do mar, e diminue um pouco o trânsito nas vizinhanças, o edifício apresenta, a quem o olha, um espetáculo fantástico: a brisa, por mais leve, sacode a poeira da pedra e dos ornamentos, e, então, vê-se a areia revolutear em sarabanda, no alto, como se os leões, e os deuses, e as flores de mármore, resfolegassem cansadamente...

No meio dessa grandeza triste, há, entretanto, um aspecto suave, que empresta uma encantadora doçura à majestade do quadro. Dão-no, com a sua presença, algumas dezenas de pombos. Evadidas de algum pombal inseguro, as aves de Vênus foram pedir, um dia, agasalho aos deuses, no altar da Bolsa. Mercúrio, generoso, ofereceu-lhes um pouso no caduceu. Ceres, compadecida, acolheu-os no braço, entre os últimos frutos da terra. Minerva, esquecida do seu cativeiro, convida-os, com o seio à mostra, para o calor do seu coração. O próprio Netuno, tão avêsso às cousas do solo firme, chama-os com enternecida piedade, estendendo-lhes, como num naufrágio aéreo, as pontas do seu tridente. E lá se ficaram êles, vivendo, criando-se, multiplicando-se sob a proteção carinhosa dos deuses.

Durante o dia, há um grande movimento de asas em toda a vizinhança. Com fome, ou com sêde, os pombos descem daquele Olimpo de bronze, e vêm procurar nas calçadas, ou no asfalto, a gota dágua da chuva ou o grão de milho deixado pelos caminhões que passam buzinando. Essa aventura é cercada, porém, de uma infinidade de riscos. Mal têm êles pousado, investem, para esmagá-los, o bonde, a carroça, o automóvel, que os obrigam a voar para frente mais alguns metros, de onde têm, de novo, de levantar o voo, atormentados por essa impiedosa perseguição. E quando se vêem acossados, fatigados, desiludidos, lembram-se dos deuses acolhedores, e, alçando o voo,

vão refugiar-se entre êles, que os amparam, sempre, com a mesma eterna bondade...

Homem, ave sem pouso e sem asas, por que não te edificas no exemplo que te dão êsses pombos, buscando, nas horas amargas, consôlo, e refúgio, no seio dos deuses que te protegem?

III

A PRUDÊNCIA DE S. BENEDITO

O assassínio do Sr. Sidônio Pais, agora, em Lisboa, cujo povo governava, serve para demonstrar, mais uma vez, as vantagens da meia obscuridade. As tempestades, quando estalam, desfolham, de preferência, as frondes mais altas. E não foi por outro motivo que S. Benedito, na sua prudência esclarecida, recusou, uma vez, o govêrno do céu.

Êsse caso, que devia ser conhecido de todos os homens ambiciosos de mando, foi guardado por muito tempo em rigoroso segrêdo de justiça eclesiástica. Narrou-o, entretanto, sacrìlegamente, à revelia das autoridades, o tradicionalista sul-americano Ricardo Palma (*"Mis ultimas tradiciones peruanas"*, pag. 217), que ouviu, a respeito, um sacristão do convento de São Francisco, na capital do Perú, o qual, por seu turno, teria sido informado de tudo pelo próprio São Benedito.

Segundo êsse depoimento, os santos da Côrte do Céu reuniram-se, uma noite, em certa igreja de Lima, e pediram, unânimes, ao milagroso padroeiro das gentes morenas, que aceitasse o trono celeste, substituindo, nele, o Padre Eterno, cuja dinastia se perpetuava abusivamente no poder. São Jorge, o anjo Gabriel, os Macabeus, os chefes, enfim, das fôrças armadas, estavam de acôrdo com o movimento. As queixas contra a tirania divina eram numerosas, de modo que a fidalguia celestial, inteira, se mostrava solidária com a deposição do Monarca Supremo. São Benedito teria, porém, tomado a palavra, e recusado peremptòriamente o govêrno, pretestando não só a sua origem modesta, que o incompatibilizava com a gravidade do mandato, como a ingratidão que o seu gesto representaria aos olhos de Deus, que o havia arrancado da mais humilde das raças, dando-lhe um lugar de destaque entre os mais assinalados fidalgos da Côrte.

O verdadeiro motivo não era, porém, êsse, e, entrevistado pelo sacristão, S. Benedito usou de franqueza, confessando:

— Eu não quero ser Deus, nem coberto de ouro. As responsabilidades e riscos do

cargo são formidáveis. Como santo, isto é, como simples intermediário dos pedidos dos homens e dos favores divinos, eu posso me desculpar com os meus devotos, mostrando-lhes que nem tudo depende de mim. Deus, não; Deus é onipotente e onisciente, e como nem sempre faz o que lhe pedem, por lhe pedirem cousas desencontradas, há, no mundo, como no céu, uma infinidade de descontentes e despeitados, que, às vezes, até o negam. Repare você que nós, os santos, não temos tantas honras; mas, também, não somos tão insultados, tão contestados, tão escarnecidos. Não aceitei, nem aceitarei, nunca, o trono celeste.

E voltando ao seu nicho, acrescentou, enérgico:

— Prefiro ser fuzilado!

Era quasi de manhã, quando, em absoluta intimidade, se travou essa palestra com o sacristão. E como se aproximasse a hora da missa, e ressoassem no adro as passadas dos primeiros fiéis, São Benedito pôs ao braço o menino Jesús, e, com uma tranquilidade de bem-aventurado, adormeceu, de novo, de olhos abertos, entre as velas do seu altar...

IV

A "TERRA DOS BRASILEIROS"

EM um capítulo das suas *Cenas e Tipos*, recorda Rodolfo Teófilo, assim, a figura do seu bisavô: "O sr. Manuel Gaspar era um homem alto, magro, de pernas finas e um pouco tortas. Ia sempre à missa trajando à côrte. Vestia casaca e calções curtos de veludo, que mais salientavam a tortura das pernas metidas em meias de sêda côr de carne, sapatos de verniz de entrada baixa, com fivelas de ouro, cabeleira empoada, com rabicho".

Êsse sr. Manuel Gaspar, foi, um dia, à missa na igreja do Rosário, em Fortaleza, e esperava a cerimônia na capela-mor, quando se aproximou um soldado da guarda do governador Robim, dizendo-lhe, com arrogância:

— Aquí, só quem ouve missa é o sr. governador e sua real família!

Brasileiro de boa têmpera, o austero cearense teve ímpetos de estrangular, alí

mesmo, o atrevido pretoriano; lembrou-se, porém, que estava na casa de Deus, deu volta nos calcanhares, e, penetrando no lar, ordenou, inflexível:

— Senhora D. Joana, arrume as malas, que em terra em que "marinheiro" manda até dentro da igreja, eu não moro!

Dias depois uma caravana enorme, carregando bagagens e crianças, abandonava a capital. Era o Sr. Manuel Gaspar, que, com a mulher, os filhos e a fortuna, deixava, para sempre, as terras do Ceará.

Após uma semana de viagem, entrava o combôio, tilintando a campainha das alimárias, nas ruas tortuosas de Baturité; quatro dias mais tarde, em Quixadá; e assim, de etapa em etapa, chegou êle, sem destino, às fronteiras da Baía.

— Para onde se dirige? — perguntavam-lhe em caminho.

— Para uma terra que seja dos brasileiros! — respondia.

E continuava a viajar...

Pobre Manuel Gaspar! Se as areias de um cemitério sertanejo não têm requisitado piedosamente os teus ossos, detendo a peregrinação infatigável do teu orgulho, ainda hoje errarias, talvez, de fazenda em fazenda, de vila em vila, de cidade em cidade, sem que alguém te desse notícia, no Brasil, da terra que procuravas!...

V

A "ALIANÇA"

UM dos meus amigos mais ilustres, homem notável pela franqueza das palavras e pela lealdade das atitudes, dizia-me, ontem, a uma consulta da minha curiosidade:

— Eu não uso "aliança" de casado por motivo inteiramente alheio à minha vontade. O meu dedo anular tem uma sensibilidade especial, e de maneira tão acentuada, que me não é possível, sequer, suportar nele um anel.

Essa informação autêntica, pareceu-me interessante. Efetivamente, os antigos acreditavam na existência de um nervo singular nesse dedo, o qual comunicando-se com o coração, teria determinado o uso, nele, das "alianças" matrimoniais. Aulo-Gélio, nas suas *Noctium Atticarum* (lib. X, X), dá essa informação. Reportando-se às *Egyptiacis,* de Apião, conta êle: "Quod in sectis apertisque humanis corporibus, ut mos ia Ægypto, fuit quas Graeci "anatemneisa" appel-

lant, repertum est, nervum quendam tenuissimum ab eo uno digito, de quo diximus, ad cor hominis pergere ac pervenire: propterea non inscitum visum esse, cum potissimum digitum tali honore decorandum, qui continens et quasi connexus esse cum principatu cordis videretur".

Um século antes, Plínio, o naturalista, ignorava essa particularidade. Êle sabia, apenas, que o anel havia chegado a Roma por intermédio dos gregos (*Naturalis historia,* lib. XXXIII, IV), e que o anel simples, sem pedras nem enfeites, trazido no dedo anular, era privativo dos embaixadores, que o usavam de ferro em casa, e de ouro, nas grandes solenidades. Exibindo-o em um país amigo, êsses emissários significavam, com êle, a "aliança" da sua pátria. E numa síntese da evolução dos costumes, o naturalista concluía atribuindo a essa tradição o uso dêsse anel entre os noivos: "Juo argumento etiam nunc sponsae muneri ferrens annulus mittitur, isque sine gemma".

Êsse anel foi usado sempre na mão esquerda. Plínio acha que é dêsse tempo que a mão esquerda ficou sendo, verdadeiramente, a "sinistra"...

VI

SE NÓS FÔSSEMOS CANDEEIROS...

DE regresso da Lua, onde auxiliara Endimião contra Faetonte e presenciara espetáculos espantosos, chegou Luciano de Samosata, uma noite, a um país extravagante, que estava situado nos ares, entre as Híades e as Pléiades, um pouco abaixo do Zodíaco. Era uma cidade exquisita, de ruas extensas e direitas, que, à primeira vista, parecia abandonada pelos habitantes. Atentando, porém, um pouco melhor, viu o nosso viajante uma infinidade de luzes a se cruzarem sem choque, em idas e vindas contínuas, as quais punham um fervilhamento luminoso por toda parte, e, especial, nas circunvizinhanças do pôrto. E' que êle estava no país dos Candeeiros, onde as casas eram simples lanternas a que êsses habitantes se recolhiam, de manhã, depois dos labôres da noite.

A ordem, nessa república maravilhosa, era absoluta: os candeeiros moviam-se cortêsmente, disciplinadamente, cumprimen-

tando-se com gentilíssimos tremores de chama, — submetendo-se, os grandes como os pequenos, a um tribunal instalado na praça pública, sempre que praticava algum ato atentatório da iluminação comum. Condenado à morte, o réu era imediatamente apagado.

A disciplina política nesse país era, como se vê, perfeita, invejável, modelar. E é lembrando-me de Luciano de Samosata, e da sua viagem, que eu me pergunto, às vezes, a mim mesmo: se o Brasil fosse o país dos Candeeiros, não teria sido, já, devorado por um incêndio?

VII

DIOCLECIANO

ENTRE as grandes figuras da decadência romana que sempre me despertaram simpatia, e que nem sempre receberam, através dos séculos, as bênçãos da História, está, desde a infância da minha cultura, o suave misantropo de Salona. E é a sua imagem, com os seus atos, que me vem ao pensamento neste instante, quando rolam, caminho de São Paulo, os despojos humanos do conselheiro Rodrigues Alves.

O que se atravessa no Brasil neste momento, é um minuto, apenas, do império do Ocidente. E o ex-presidente da República foi bem, até um certo ponto da vida, um irmão de Diocleciano. Como a dêste, a sua travessia pela terra foi fecunda em exemplos, em discreção e em dignidade. Os seus primeiros anos de govêrno, como os primeiros do sócio imperial de Maximiano, constituíram um espetáculo de atividade, de progresso, de grandeza verdadeiramente incomum. Saneou-se a cidade; cortaram-se ruas; ampliaram-se estradas; levantaram-se edifí-

cios; construíram-se portos; dilataram-se fronteiras; abriram-se, enfim, novos horizontes aos destinos da nacionalidade. E quando se acreditava que isso bastaria à glória do espírito que tudo empreendera e executara, surgiram diante de Diocleciano os fios de uma cadeia de sangue, procurando comprometer com os atos de uma tutoria precária os esplendores definitivos daquele crepúsculo!

Diocleciano, após um reinado modelar, em que a sua sombra encheu o império, não pôde resistir, na decadência dos anos, à influência da intimidade. Um dia, porém, acordou dêsse colapso da vontade, comparou a tristeza do presente com as maravilhas do passado, e, num gesto magnífico, atirou o manto a Constâncio Cloro, e foi viver, e morrer, entre as plantas do seu jardim...

O que faltou à glória do morto de ontem, foi a majestade dêste último gesto. O Brasil saberá lavar, entretanto, com as suas lágrimas de saudade pelo sucessor de Numeriano, os ressentimentos que por acaso lhe tenha deixado, sem o querer, o sogro de Galero.

VIII

D. SILVÉRIO

A Academia Brasileira de Letras, na sua sabedoria e onipotência, resolveu considerar inscrito para a vaga de Alcindo Guanabara o virtuoso sacerdote mineiro D. Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana.

D. Silvério é, no tumulto da nossa civilização apressada, um remanescente daquele clero piedoso e sábio, que foi, por muitos séculos, o maior encanto da igreja católica. Em seu coração compassivo, agasalham-se as crenças mais doces e ingênuas, criando em tôrno da sua figura venerável um ambiente da santidade mais pura. O cristianismo renasce, nele, com toda a sua poesia primitiva, revelada em milagres, em maravilhas, em episódios inocentes e legendas consoladoras, como se a terra do deserto se abrisse sùbitamente, à sua passagem, em rosas de bondade e candura. Êle é, em suma, no seu brilho de espírito e na sua singeleza de coração, o nosso padre Manuel Bernardes, em cuja bôca se aglomeravam, com cer-

teza, as últimas abelhas que poisaram na cruz.

E é num ambiente de prodígios, de encantamentos sagrados e doces, que passa a figura cristã do pio sacerdote mineiro. Em vida, mesmo, já se está formando o seu círculo de lendas, que lhe emprestam um brando aroma de santidade. E era de uma destas legendas, sobejamente conhecida em todo o Estado de Minas, que me falava, ontem, a amizade de Augusto de Lima.

D. Silvério teve, como poucos homens ilustres, uma origem humilde e dolorosa. Nascido de mãe paupérrima, e de côr, faltavam-lhe todos os recursos para a sêde da inteligência. Mão piedosa o tomou, porém, um dia, recolhendo-o ao Seminário de Mariana, onde vivia da generosidade dos sacerdotes, encantados com a sua aplicação e com as suas virtudes. Ao fim de alguns anos estava o modesto seminarista em vésperas de ordenação, em uma turma de estudantes mais ou menos afortunados. Uma cousa, entretanto, o atormentava: como poderia êle receber as ordens sacerdotais, se, na sua pobreza, na sua humildade, não tinha uma batina, nem conhecia um coração que lha desse? Estava êle nessas conjecturas tristes, quando bateram à porta do Seminário. Era um alfaiate, risonho e velhinho, que se dizia enviado, por alguém, e que lhe vinha tomar as medidas da batina. Silvério, tímido, relutou, acreditando em um engano; tais foram, porém, as insinuações do artista misterioso, que êle se deixou medir, recebendo, dois dias depois, na portaria do Seminário, a mais formosa paramenta que se apresentava na turma!

Terminada a festa e cantada a missa nova, tratou o novo padre de procurar o seu benfeitor. Por maior, porém, que fosse o seu esfôrço, não se encontrou nem em Mariana, nem em Ouro-Preto, nem em qualquer cidade da região, o alfaiate que havia feito a batina. E pelos traços do desconhecido, veio-se a saber, depois, que o velhinho era, nada mais, nada menos, do que o próprio São José!

Agora, D. Silvério vem para a Academia, como santo e como sábio. E como São José não esqueceu, com certeza, ainda, o seu ilustre e piedoso devoto, é provável que vejamos no Silogeu, êste ano, uma linda farda costurada no céu...

IX

OS SACERDOTES DE BAAL

PERSEGUIDO por Jesabel, que se deixara governar pelos sacerdotes de Baal e pelos quatrocentos profetas de Asera, que comiam da sua mesa, andou Elias fugido de Samaria, até que, em um momento de penúria extrema para todo o reino, mandou Acab a Obadias que fosse buscá-lo pelos caminhos. Levado à presença do rei, pediu Elias, para conjurar a vingança do céu, que se reunisse o povo de Israel no monte Carmelo, e aí, diante da multidão, intimou-a:

> "Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, seguí-o; e se Baal, acompanhai-o. (*Reis,* 18,21).

E como Israel se mostrasse indeciso, o profeta, sòzinho, diante dos sacerdotes idólatras, fez descer uma língua de fogo celeste, que devorou o holocausto, consumiu a lenha, destruiu o altar e lambeu a água do

córrego, demonstrando, dessa maneira, que era êle, entre tantos embusteiros, o único portador da confiança de Deus...

E' esta, no momento, a perspectiva da situação do Brasil, ante o problema da substituição presidencial. Apontam-se como candidatos os deuses e os demônios; e como não aparece um Elias que a intime a escolher um caminho definitivo, a Nação hesita, cala-se, tergiversa, como se desconhecesse, diante do abalo, os limites da sua responsabilidade!

Os sacerdotes de Baal e os quatrocentos profetas de Asera, que "comem da mesa de Jesabel", não devem, entretanto, zombar do momento que passa, insistindo, como até agora, em explorar a ignorância de Israel. Elias pode irromper, de repente, amotinando as turbas irresolutas, como está sucedendo em todos os recantos da terra, e é como um aviso aos impostores que transcrevo, aquí, mais um versículo do livro dos *Reis*:

> "E Elias lhes disse: Lançai mão dos profetas de Baal, que nenhum dêles escape. E lançaram mão dêles; E Elias os fez descer ao ribeiro Kison, e alí os matou". (18,40).

X

A TAÇA DOS SETE SÁBIOS

INDICADO pelas classes acadêmicas para substituir o sr. Rodrigues Alves na presidência da República, o eminente sr. ministro Pedro Lessa declarou, de pronto, que o cargo lhe não competia, apontando como digno dêle o sr. conselheiro Rui Barbosa. Indigitados, igualmente, para a cadeira presidencial, os srs. Dantas Barreto e Nilo Peçanha tiveram o mesmo gesto, abdicando em um outro nome ilustre, que consideram, abertamente, acima do seu.

O desprendimento com que estão agindo os homens capazes de dirigir o país recorda aquela risonha modéstia com que agiram, um dia, na Grécia, os sete varões que consubstanciavam a mais pura sabedoria do seu século. Enviada pela respeitosa munificência de Creso, chegou, certa vez, a Mileto, uma taça de ouro, que o rei oferecia "ao mais sábio dos gregos". Tales, que a recebeu,

consultou a sua conciência, e mandou entregá-la a Bias, em Priena, que, na sua opinião, era o legítimo destinatário. Bias não se julgou, porém, com direito ao presente real, e remeteu-a a Pítaco, em Mitilene; e êste a passou a Cleóbulo; e êste a Chilon; e êste a Solon; e êste a Mison, que a fez voltar a Mileto, de onde Tales a embarcou para Tebas, com destino ao templo de Apolo.

A modéstia, com que êsses altos espíritos, de per si, recusaram a homenagem que os outros lhes conferiam, demonstrava que êles eram, todos, dignos dela. — E como está sucedendo o mesmo, entre nós, neste momento, em relação à cadeira presidencial, a nação torna suas, perante os abdicantes, as grandes palavras de Plínio, o moço, no panegírico de Trajano:

— "Recusabas imperare, quod erat bene imperaturi!".

Os que não desejam os postos da confiança do povo, são, em verdade, os únicos em que o povo deve ter confiança.

XI

A BEATIFICAÇÃO DE GALAAZ

NOTÍCIAS telegráficas de Portugal informam o que foram, em Lisboa, e em todo o país, as festas religiosas comemorativas da beatificação de Nun'Álvares Pereira, cuja glória militar é, ainda hoje, um dos sustentáculos políticos da velha nação portuguesa. Uma fôlha realista, examinando a obra patriótica do Condestável, comparou-a à de Joana d'Arc, identificando-os, como libertadores de povos, na imortalidade do mesmo destino.

Se houve, realmente, na terra, um guerreiro com alma de santo, êsse foi, sem dúvida, o moço Nun'Álvares, aquele que unia no mesmo laço, na ânsia incontida de uma perfeição humana, os méritos da castidade e da bravura. E é dessa castidade e dessa bravura, que dá idéia Júlio Dantas, em um dos seus maravilhosos contos cívicos da *Pátria Portuguesa*.

Adolescente e virgem, educado consoante as regras mais severas das leis da Cavalaria, tomara Nun'Álvares para modêlo, entre os heróis equívocos do seu sonho, ao fabuloso Galaaz, cuja fôrça residia, inteira, no prestígio da castidade. E era com um zêlo desesperado, num castigo permanente da carne, numa tortura do espírito, num contínuo martírio do coração, que o moço português atravessava a terra, batalhando e rezando.

Um dia, porém, levado pelas exigências políticas da dinastia, que devia ser perpetuada no mundo rejuvenescido pelos bárbaros, teve Nun'Álvares de aceitar como espôsa à mais formosa moça de Portugal, a morena Leonor Alvim, viúva jovem de um espôso decrépito, que a deixara virgem, e pura, como as águas virgens das fontes. Era com horror, entretanto, que êle pensava nessa união. Não se iria, com a sua castidade, como a D. Galaaz, a fôrça do seu braço? Poderia êle, porventura, erguer ainda a sua espada de soldado, depois de impuro, tocado pelo corpo de uma mulher? A lâmina que o acompanhara nos perigos, nos exercícios contra a moirama, não se vingaria,

enciumada, da traição criminosa do cavaleiro? Era assim que êle conjecturava, triste, ao lado da espôsa intacta, quando esta, num arrepio de luxúria, chegou o rosto ao seu rosto. O moço cavaleiro corou, e saltou da cama. E desapertando a espada com que se deitara, atirou-se de joelhos diante da ucha, onde a imagem de Maria Santíssima sorria maternalmente, e ficou-se a rezar, na aflição angustiosa do seu pecado.

Leonor compreendeu a perturbação do espôso ingênuo, em cujo lábio a penugem do bigode louro mal apontava, levantou-se, e foi rezar ao seu lado. Momentos depois entraram o pai e a mãe de Nun'Álvares. Beijaram os noivos, despiram-nos, como a duas crianças, e, enfiando-lhes a grande camisa dos desposados, de que vestiu, cada um, uma das mangas, deitaram-nos, de novo, no leito nupcial.

Quando, pela madrugada, o cavaleiro despertou, e sentiu sôbre o seu braço forte o pêso delicado de uns escuros cabelos de sêda, estremeceu, horrorizado. A sua desgraça estava concluída. A sua mão, tão vigorosa, não levantaria, mais, a espada, noiva silenciosa e fiel do seu sonho de cavaleiro.

A fôrça de Galaaz desaparecera, com certeza, com a sua castidade!

E, num arranco, pulou do leito, saltando sôbre a arma, que dormia, a um canto, na sua bainha de couro selvagem. Empunhou-a, levantou-a no ar, e sorriu; e como se não acreditasse ainda naquele milagre do céu em benefício da carne, abriu a porta, e saiu a correr pelo monte, no rumo de uma touça de castanheiros, onde os pássaros acordavam. Com a espada faiscando na mão, investiu contra as árvores. Atingido em cheio, o primeiro ramo estalou, fendeu-se, rolou por terra. Outro, igualmente decepado, teve o mesmo destino. E, em breve, a touça de castanheiros não era mais que um tapête verde, ondulando, à brisa da manhã, em tôrno de alguns troncos despidos de fôlhas...

Agora, foi o Galaaz português catòlicamente beatificado. Que o Padre Eterno o tenha, no céu, à sua mão direita, como padroeiro dos homens castos. Se êle só se ocupar com estes, o seu trabalho será nenhum: a sua voz, que apavorava os mouros, não terá oportunidade de chegar, mesmo, jamais, aos ouvidos do Senhor.

XII

OS ELEFANTES

NO livro XIII, 12 da sua *História Natural,* conta Plínio uma particularidade dos seus elefantes fabulosos. Expostos a lutas contínuas com os monstros formidáveis da Índia, êsses paquidermes levaram, sempre, sôbre todos os outros, vantagens descomunais. A tromba, que é, para esta sorte de brutos, o cajado, o braço, a lança, a mão que afaga e a clava que desbarata, constituía, na brutidão majestosa da selva, a mais temida e poderosa das armas. O leão, o tigre, a pantera, o hipopótamo, o rinoceronte, o crocodilo, tudo isso fugia, acobardado, à aproximação daquela montanha itinerante. Apenas não o temia a serpente das águas, o monstro escorregadio saído das ondas misteriosas, o qual, no entanto, só o podia ferir em um ponto: na orelha. O naturalista, descrevendo um combate entre os dois adversários eternos, explica textualmente: "Quamobren in amnibus mersos insidiari bibentibus; arctatisque illigata ma-

nu in aurem morsum defigere: queniam is tantum locus defendi non possit manu".

E essa restrição completa um símbolo. Os indivíduos fortes podem, na sua superioridade física, subjugar o mundo. Nenhum dêles sabe, entretanto, defender as orelhas...

XIII

OS FILHOS DA LA FIERTÉ

O problema das candidaturas presidenciais tem pôsto à prova, nos políticos, todas as faculdades que o Inferno lhes deu, de mudarem de opinião e de forma. Nesse particular, êles se têm mostrado filhos, e dos mais legítimos, daquele demônio incumbido de perseguir o bem-aventurado frei Adão, na amarga tristeza da sua tebaida. A princípio, o mau espírito apareceu sob a pele de um veado, que investiu contra o eremita. Descoberto, porém, o disfarce, e começada a luta entre a cruz e o espêto, o Diabo transformou-se, seguidamente, em árvore, em pedra, em barril e, afinal, em roda de carro, que desapareceu na carreira, sibilando, nas infinitas voltas da estrada...

Os chefes, reais ou supostos, da política nacional, têm recorrido nestes últimos dias a toda a sorte de metamorfoses. Quando uma candidatura se mostra vacilante, êles aparecem, invariàvelmente, com arrogâncias de adversários; se, porém, a situa-

ção melhora e há para êsse candidato possibilidades de triunfo, a modificação é quasi absoluta, passando o inimigo da véspera a desculpar por toda parte as falhas porventura apontadas nessa candidatura. A esperança da recompensa fá-los generosos e tolerantes, como aquele famoso marechal de La Fierté, a quem a França deveu, uma vez, a reconquista de Metz. Havia êsse ilustre soldado estabelecido o seu quartel-general na forte cidade lorena, quando o procuraram, humildes, alguns judeus do comércio local, constituídos em comissão. Informado de que êles se achavam à porta, o marechal esbravejou, terrível:

— Receber aquela corja, eu? Nunca! Êles não sabem, então, que foram êles que crucificaram Cristo? Ponham-nos fora, já!...

Momentos depois, voltava o ajudante, informando que os judeus desejavam, apenas, entregar ao marechal, como presente de boas-vindas, uma bolsa com quatro mil pistolas, em ouro. La Fierté ouviu a notícia, e ordenou, depois de uma pausa:

— Homem, manda entrar êsses pobres diabos; êles mataram Cristo, é verdade;

mas — coitados! — êles não sabiam quem era...

São assim os políticos. Êles combatem, inicialmente, certas candidaturas; mas — que diabo! — é porque, às vezes, não lhes é possível ouvir direito o nome do candidato...

XIV

AS NOSSAS RELÍQUIAS

O Rio de Janeiro possue, segundo as crônicas e a convicção dos fiéis, duas relíquias inestimáveis: uma flecha, ou um fragmento da laranjeira em que morreu São Sebastião, e o corpo, completo e incorruptível, de Santa Presciliana. Segundo as informações históricas, esta última preciosidade católica surgiu no Rio inesperadamente, dando ensejo a que se fizesse, na época, o seguinte comentário satírico:

Num trapiche alfandegado,
Sem ordem nem manifesto,
Descarregou sem protesto
Um contrabando sagrado.
E' um corpo encaixotado
Vindo da Côrte Romana
Que diz ser Presciliana
Santa nova e nunca vista
De quem é contrabandista
O vigário de Sant'Ana.

Os anais da Igreja guardaram reserva, creio, sôbre esta relíquia, embora não contestem a sua legitimidade. Isso não impede, entretanto, que, sem dar ouvidos, mesmo, à sátira de Junqueiro, exista em Roma, ou em Jerusalém, ou em Constantinopla, outra Santa Presciliana, igualmente autêntica e milagrosa. O fato não seria único, e constituiria a repetição, apenas, do caso de São Nicolau, contado por Marino Sanudo e divulgado, depois, por Emile Gebhart.

Por ocasião das primeiras cruzadas, Veneza, sonhando com o império dos mares, expediu uma frota para trazer de certo convento de Anatólia o esqueleto de S. Nicolau, padroeiro dos navegantes. Os emissários dirigiram-se ao estabelecimento indicado, e, sem atender ao chôro dos monges, invadiram o mosteiro, quebraram os altares, de um dos quais retiraram dois esqueletos, fazendo-se à vela. Em alto mar encontraram-se êles com uma frota de Pisa, que ia buscar, também, a relíquia. Os navios aproximaram-se, e começou o combate. Já para a tarde, os venezianos propuseram ao almirante inimigo:

— Quereis um São Nicolau? Nós temos dois: ficai com um!

O pisão aceitou, e as duas frotas, concertando as velas e os mastros, aproaram, juntas, no rumo da Itália...

XV

ELOGIO DO SUBÔRNO

HENRY Ford, chefe da fábrica de automóveis que tem o seu nome, está movendo um processo complicadíssimo contra o Sr. Truman Newberry, senador pelo Estado de Michigan, e ex-assistente do Sr. Danieles, secretário da Marinha, da República Americana. Afirma o poderosíssimo industrial, com argumentos de sessenta cavalos-vapor, que o seu antagonista no último pleito subornou ostensivamente o eleitorado do seu distrito, com o qual dispendeu, em menos de quinze dias, um milhão e meio de dólares. E como o crime de subôrno para fins eleitorais esteja claramente previsto no Código, pede o Sr. Ford que o criminoso seja punido com a destituição do mandato, e entregue, para os castigos ordinários, à ação moralizadora das autoridades judiciárias.

O subôrno para fins políticos, é, em nossos dias, um problema complexo e delicado, que deve ser examinado detidamente à luz de todas as lâmpadas da conciência.

Qual é, realmente, o candidato que não suborna eleitores? A palavra gentil, o gesto cativante, as infinitas modalidades da sedução pessoal não constituirão, porventura, moedas morais com que subornamos aqueles de quem dependemos? A prece, a reza fervorosa, a oração com que elevamos o espírito não será, também, dinheiro vil, de valor passageiro, com que modificamos o próprio Deus?

Os romanos, experientes e sábios, não condenaram, jamais, o subôrno. Foi com êle, curvando a pêso de ouro as simpatias do povo, que César subiu ao Consulado, e, do Consulado, à ditadura. Esporeado pela sua ambição insaciável, lançou o herói das Gálias, um dia, a sua candidatura à cadeira de cônsul. Para vencer, era preciso, porém, dinheiro. César correu a Liceio, candidato opulentíssimo, e ligou o seu nome ao dêle. Informado de que o dinheiro de Liceio estava corrompendo o povo, o Senado alarmou-se; e, para neutralizar êsse veneno da vontade popular, lançou em campo a candidatura de Bíbulo, amparada abertamente pelo Tesouro da nação. Examinando essa intervenção do ouro do Estado, subornando o povo,

Catão (Suetônio, *Júlio César*, XIX) achou que o Senado procedera honradamente, recorrendo a êsse processo venal quando êle se tornara indispensável à segurança da República.

Mais prudente, ainda, do que o Senado, foi Augusto, na dourada mocidade do Império. "Querendo moralizar as eleições em Roma — informa Suetônio (*Augusto, XXIII*) — mandou Augusto que se distribuísse mil sestércios por cabeça às duas tribus de que êle era membro." E essa intervenção tinha um fim honesto: o Estado comprava antecipadamente o eleitor para que êle se não vendesse, depois, aos candidatos, e conservasse intacto o conselho da consciência...

O subôrno é, pois, uma instituição moral, sábia, e honesta. Se houver na terra um candidato a qualquer mandato que afirme não ter subornado, jamais, um votante, — êsse, ou é mais cínico do que as mulheres adúlteras da parábola, ou, então... não foi eleito!

XVI

O SOFÁ DA SALETA

UMA das ocorrências administrativas que escandalizaram o público nos últimos dias do quadriênio passado, foi o "deficit", real ou fictício, do Lloyd Brasileiro. Em uma época excepcional, em que até as caravelas de Cristóvão Colombo encontrariam frete e dariam saldo, era exquisito, de fato, o que acontecia com a mais poderosa das nossas emprêsas de navegação, que dispunha de oitenta hélices para viajar pròsperamente em águas tão favoráveis. Intrigado com o fenômeno, o govêrno encontrou, agora, um meio de resolver o problema: passar a emprêsa dos domínios do Ministério da Fazenda para a esfera da pasta da Viação, onde continuará com as mesmas despesas, o mesmo pessoal, os mesmos serviços, e, para todos êles, a mesma organização.

Êsse modo de resolver grandes questões com providências passageiras, não é, ao que parece, dos mais acertados, ou, pelo menos, dos mais produtivos. E quem o ve-

rificou primeiro foi um pacífico chefe de família, que a posteridade imortalizou com a divulgação do acontecimento, sem fixar, entretanto, o nome do personagem. Um cavalheiro casado, e infeliz, regressando uma tarde à casa, encontrou na saleta, sentados em um sofá que aí havia, a espôsa e um médico da vizinhança, que se beijavam escandalosamente. Indignado, o honrado homem resolveu acabar, de uma vez, com aquela miséria, e foi, na mesma hora, procurar um amigo íntimo, a quem narrou o fato, e pediu um meio de desafrontar-se.

— Divorcia-te! — aconselhou o outro.

— Não; não basta!

— Então, mata-a.

— Também não me serve.

— Nesse caso, mata-os, a ela e ao amante.

— Não me satisfaz.

E como não chegassem a um acôrdo, separaram-se os dois amigos, marcando um novo encontro, para troca de idéias. No dia seguinte, ao se avistarem, o espôso enganado, mais tranquilo, foi, logo, exclamando:

— Sabes? resolví o caso.

— Que fizeste?

— Mandei retirar o sofá da saleta!

E sorriu, satisfeito.

O Lloyd não será, nesse caso, a espôsa adúltera do govêrno, que êste supõe corrigir e purificar com uma simples mudança de móveis no clássico lugar dos encontros?

XVII

OS CAÇADORES DOS CÃES

UMA publicação semanal observava, em dia desta semana, que era incomputável, no Brasil, o número de simuladores de cultura, que alimentam o seu campo, e fazem a sua colheita, à custa das sementes alheias. Alguns estudiosos mais diligentes vão às fontes, aos mananciais dos conhecimentos humanos, e canalizam a água; os sugadores atiram-se, porém, em multidão, ao líquido maravilhoso, como as formigas à seiva da planta golpeada pela cigarra, nos célebres versos de Mistral.

Êsse gênero de parasitas recebeu do povo, em hora de bom humor, uma denominação felicíssima e pitoresca: a de "carro de mão", isto é, de veículo tardo, primitivo, de utilidade restrita, que se utiliza, de vez em quando, nas ruas, do trilho dos bondes.

Há, entretanto, uma comparação mais literária, em um símbolo mais universal. E' o que se contém na fábula do cachorro e do caçador, trazida de longe, pela pirata-

ria lafontaineana de Iriarte, para o riquíssimo patrimônio da literatura espanhola. Madrugada ainda, o caçador toma da arma e, com um assobio, chama o seu cão. À margem de uma lagoa, onde o verde da vegetação pura se confunde com o verde palustre das águas, o animal descobre os vestígios de um aquático, e parte, rápido, a perseguí-lo. Um tiro reboa, profundo, quebrando a tranquilidade selvagem. E um momento depois surge o cão trazendo aos dentes, debatendo-se, a ave agonizante. De regresso à casa, à tarde, com a bolsa repleta de caça, toda a gente saúda, então, o caçador; e ninguém se lembra do cão, que foi, em verdade, o herói principal, senão único, daquelas batalhas na selva!...

As letras brasileiras constituem, hoje, uma cavalgada soberba, faiscante de arreios e ressoante de buzinas. Compõe-na, correndo a floresta, quinhentos caçadores e três cães...

XVIII

HA-TCHIM!

A Agência Havas forneceu ontem à imprensa do Rio o seguinte telegrama da China:

> "PEQUIN, 7 — Li-Chim-Kai assumiu interinamente a presidência do conselho e a pasta das Finanças. Para a pasta da Guerra foi nomeado San-Shi-Chen, e para a da Marinha San-Chen-Ping."

A língua chinesa, não obstante a sua perfeição, tem ocasionado sérios desgostos ao numeroso povo que a fala. E' do nosso tempo aquele sangrento desastre militar da planície de Lao-Tsin, de que nos dá notícia Tristan Bernard, nos seus *" Contes de Pantruche et d'ailleurs"*. O generalíssimo Hang-Hang, comandante em chefe das fôrças chinesas na guerra contra o Japão, sai, um dia, a campo com as suas tropas e, após fazer alto, dá êste brado de comando:

— You-Tchi!

Isso queria dizer: "Sôbre o 18º esquadrão do 22º regimento, formar a massa!" e logo a voz de "You-Tchi!" foi repetida pelo general Ti-Tzing, em seguida pelo general Tao-Pé, e até o infinito por outros comandantes de corpos. As tropas, que se compunham de trezentos mil homens, logo se puseram em movimento, formando um compacto sôbre o 18º esquadrão do 22º regimento.

Ouviu-se novamente a voz do generalíssimo Hang-Hang:

— Nao-Tchin!

Queria dizer: "Sôbre a direita da cavalaria formar em linha de batalha!" Os generais repetiram: "Nao-Tchin!" e todo o exército se veio colocar em linha de batalha ao longo do rio Hu-Hu-Han, em frente ao exército japonês. Nesse momento, porém, a poeira levantada pelas tropas em movimento penetrou no nariz do jornalista francês Saladier, obrigando-o a soltar um espirro formidável: — Atchim!

Os generais Ti-Tzing e Tao-Pé, supondo tratar-se de uma voz de comando partida do generalíssimo Hang-Hang, repetiram o brado de guerra:

— Ha-Tchim!

Todos os chefes de corpos gritaram: "Ha-tchim", e antes que o generalíssimo pudesse dar contra-ordem, já haviam as tropas operado um movimento envolvente que as colocou sob o fogo da artilharia japonesa, a qual lhes fez trinta e cinco mil mortos em menos de um minuto.

Desde êsse dia, que foi de luto branco em todo o império, os mandarins fornecem à Agência Havas todos os nomes comprometedores existentes na língua chinesa, para que não sejam confundidos, de novo, com outras vozes ocidentais.

XIX

O VALOR DOS ANZÓIS

HÁ um conto de Mark Twain, em que o autor se transporta ao polo norte, à cabana de uma família de esquimós. Introduzido nas rodas mais íntimas daquela gente, pôde o escritor conhecer os segredos mais graves e respeitáveis da tribu, entre os quais o que se referia à fortuna pessoal do seu hospedeiro. Para isso, porém, foi preciso que êle se tornasse o confidente da filha única dêsse incomparável pescador de baleias, a qual, esfregando as mãos cobertas de peles, lhe contava, um dia:

— Meu pai, mister Twain, é o homem mais rico do polo, e, creio, do mundo. E daí a insistência com que os rapazes me requestam, me procuram, pedindo-me em casamento. Eu vejo, no entanto, que não é a mim que êles cobiçam: é a minha fortuna, é a fortuna de meu pai.

— E a quanto monta essa fortuna? Onde está êsse tesouro?

A moça olhou-o fixamente, para certificar-se, ainda uma vez, da confiança que lhe despertava aquele estranho, fechou as portas da cabana, olhou para um lado e outro, examinando se podia haver por alí alguma testemunha, e, levantando um bloco de gêlo, apontou, segurando o hóspede pelo pescoço, para que êle não desmaiasse ao espetáculo de semelhante maravilha:

— Ei-lo!

O tesouro daquele nababo do polo, daquele inacreditável e soberbo Vanderbilt das geleiras, consistia em vinte e dois anzóis de aço comum, cousa absolutamente rara, inteiramente inédita, na história econômica daquelas paragens!

Não se torna preciso, porém, ir à Groenlândia, nem ao território de Alaska, para reconhecer o valor dêsses modestos instrumentos de pesca. As letras, a política, os vários círculos, enfim, da nossa atividade material e mental, são, aos nossos próprios olhos, verdadeiras caixas de anzóis, isto é, aglomerados de objetos úteis, mas desprezados. Quantas vezes, porém, um anzol dêstes, saído da caixa não tem sido considerado, entre outras gentes, um assombro, um

tesouro, uma fortuna, uma preciosidade incontrastável? Quantos esquimós não dariam por êle a pele dos seus ursos, o dente das suas focas, o azeite das suas baleias?

Moralidade:

E' na terra dos pescadores que se conhece o valor dos anzóis.

XX

DE NAPOLEÃO A CLEMENCEAU

CLEMENCEAU não quis perdoar o moço de vinte e dois anos que pretendeu assassiná-lo nos últimos dias de fevereiro: Emílio Cottin foi condenado à morte, e será fuzilado, ou enforcado, dentro de duas semanas.

O primeiro ministro da França rejeitou, nesse direito de exercer a justiça trágica, o exemplo de Napoleão, narrado pelo duque de Cadora. Após a batalha de Wagram, foi Bonaparte alvejado por um jovem, que desejava matá-lo. Sereno, altivo, admirável, o grande capitão mandou vir à sua presença o criminoso, interrogando-o:

— "Pourquoi vouliez-vous m'assassiner?

— Parce qu'il n'y aura jamais de paix pour l'Allemagne tant que vous serez au monde.

— Qui vous a inspiré ce projet?

— L'amour de mon pays.

— Ne l'avez-vous pas concerté avec personne?

— Je l'ai trouvé dans ma conscience.

— Ne saviez-vous pas à quelques dangers vous vous exposiez?

— Je le savais: mais je serais heureux de mourir pour mon pays.

— Vous avez des principes religieux; croyez-vous, que Dieu autorise l'assassinat?

— J'espère que Dieu me pardonera en faveur de mes motifs.

— Est-ce que, dans les écoles que vous avez choisies, on enseigne cette doctrine?

— Un grand nombre de ceux qui les ont suivies avec moi sont animés de ses sentiments et disposés à devouer leur vie au salut de la patrie.

— Que feriez-vous se je vous mettais en liberté?

— Je vous tuerais."

Napoleão meditou um instante, e, voltando-se para o duque, exclamou, resoluto:

— "Il faut faire la paix!"

Clemenceau teria feito a Cottin, porventura, aquela última pergunta, numa suprema tentativa generosa?

XXI

KERENSKY

UMA das figuras da revolução russa que despertaram maior simpatia no Brasil, foi o republicano Kerensky, chefe de um dos governos provisórios arrebatados pela torrente maximalista. O entusiasmo pelo seu heroísmo telegráfico era tão grande, tão irreprimível, tão sincero, que, nos cinemas onde aparecia a sua imagem, o povo rebentava em aplausos, aclamando-o. E, no entanto, essa popularidade passou. A sua fama era de gêlo, e o sol da Verdade, surgindo no oriente, derreteu-a, como derrete, no estio, as alvas geleiras do Báltico.

Kerensky era, realmente, o bravo de quem nos falavam os telegramas? O depoimento do general Krasnov, comandante das tropas que o defendiam, contém um episódio significativo. Eram três horas da tarde do 1.º de novembro de 1917, quando Kerensky, que marchava contra o govêrno dos "soviets", chamou à sua presença o general comandante.

— General — disse êle a Krasnov, — general, vós me traístes. Os vossos cossacos declaram categòricamente que me hão de prender, para entregar-me aos marinheiros.

— Sim, — respondeu o general: — é verdade, porque não gozais de simpatias entre os soldados.

— E os oficiais dizem a mesma coisa?

— Sim; e são os oficiais os mais descontentes convosco.

— Que devo fazer, então? Eu devo suicidar-me...

— Se sois um homem de bem, — atalhou Krasnov — ide a Petrogrado com a bandeira branca, esclarecer a vossa atitude. Eu vos garantirei a vida.

— Concordo; partirei à noite, — declarou Kerensky.

— À noite, não; à noite seria uma fuga. Partireis de dia.

Na manhã seguinte, Kerensky... havia desaparecido!

XXII

FRIEDA

Mnezarete, a divina, a pálida Frinéia,
Comparece ante a austera e rígida assembléia
Do Areópago supremo...

QUAL de nós, da geração atual, não disse, nunca, na intimidade, ou entre as luzes atordoantes de uma sala de festa, êsse poemeto maravilhoso em que Bilac celebra, com a sua volúpia ateniense, o risonho bom gôsto dos gregos? Frinéia vai ser julgada. Acusam-na de haver corrompido a mocidade, amolecendo-lhe o caráter com a depravação dos costumes, embriagando-a, dia e noite, nas orgias, com a taça de ouro do seu corpo. Eutias pede, suplica, ordena a sua condenação:

"Eleusis profanou! E' falsa e dissoluta
Leva ao lar a cizânia e as famílias enluta!
Dos deuses zomba! E' ímpia! é má!" (E o pranto ardente
Corre nas faces dela, em fios, lentamente...)
"Por onde os passos move, a corrupção espraia,
E estende-se a discórdia! Heliostes! Condenai-a!"

A hetaira possuía, entretanto, alí, a defendê-la, duas vozes poderosas: a de Hipérides, que é eloquente, e a da sua formosura, que é soberana:

Vacila o tribunal, ouvindo a voz que o doma...
Mas, de pronto, entre a turba, Hipérides assoma,
Defende-lhe a inocência, exclama, exora, pede,
Suplica, ordena, exige... O Areópago não cede.
"Pois condenai-a agora!" E da ré, que treme, a branca
Túnica despedaça, e o véu, que a encobre, arranca...

O Tribunal estremece. Os velhos juízes, deslumbrados, cobrem os olhos com as mãos cortadas de rugas. E absolvem-na. Absolvem-na, porque,

Nua e branca, de pé, patente à luz do dia
Todo o corpo ideal, Frinéia aparecia
Diante da multidão atônita e surpresa
No triunfo imortal da carne e da Beleza!

Em nossos dias, já não é tão intenso o respeito dos homens por essas obras de arte da oficina de Deus. A beleza, que desperta a veneração dos bárbaros, não comove os sacerdotes do Dever e da Lei, os guardas vigilantes, inflexíveis, das fronteiras da Civilização. E aí está, como documento alarmante, êsse episódio da guerra, que deu ensejo, agora, a um grande quadro de William Orpen, recentemente exposto em Nova-York.

Frieda Nieter, dansarina de Berlim, era, em 1915, uma das mulheres mais lindas de toda a Alemanha. O espetáculo de sua formosura, como a de Cleópatra, no poema de Hugo, constituía um dos bálsamos da sua pátria ensanguentada. Branco e harmonioso, amassado com a carne das açucenas e o sangue rosado da aurora, o seu corpo era uma festa dos olhos. Vê-la, valia esquecer a vida, a guerra, a fome, os tormentos. E como a beleza era o seu heroísmo, Frieda Nieter ofereceu, um dia, às autoridades do Império, a arma de ouro dos seus encantos.

Aceito o sacrifício, a nova Judite armou-se dos seus mais doces sorrisos, e partiu, de noite, para a tenda de Holofernes. Dessa vez, porém, o general não dormia; e a moça alemã foi presa nas trincheiras da Bélgica, no momento em que espionava as fôrças francesas, e remetida para uma cidade da retaguarda, onde foi condenada à morte.

Frieda Nieter confiava, porém, como Ester, como Laís, como Aspásia, no prestígio da sua beleza. Que olhos suportariam friamente, insensìvelmente, a maravilha das suas espáduas, a alvura do seu colo, a harmonia das suas formas, o divino escândalo, enfim, da sua formosura? Que homem, por mais idoso ou por mais sacrílego, resistiria à súplica daqueles botões que lhe rosavam os seios modelares, onde fervia secretamente o vinho de um gôzo imprevisto? Onde estavam os juízes de Susana, para que ela os abrandasse, transformando-os em julgadores de Frinéia?

Chegou, enfim, o dia do fuzilamento, no páteo de um castelo do norte da França. Por benevolência do comandante das fôrças foi permitido a Frieda, como a Olímpia, mãe de Alexandre, a escolha do seu traje de morte. E ela escolheu-o. Era um manto de veludo azul, da côr dos seus olhos, orlado de peles, do qual emergia, como uma flor de ouro num vaso de porcelana, a sua cabeça maravilhosa. De pé, no centro do páteo, a moça aguardava um milagre ou o têrmo da vida. A vinte passos,

um tenente, jovem ainda, formou o pelotão, e bradou:

— Aprontai-vos!

Os soldados levantaram as armas.

— Um! — ordenou.

— Dois!

A essa voz, Frieda, num gesto rápido, deixou escorregar o manto, surgindo a todos os olhos, nua e linda, como a estátua da própria beleza! Branca, esplêndida, deslumbrante, com o sol nascente a dourar-lhe os cabelos, e o manto azul, ondulado, a cobrir-lhe os pés, o seu vulto evocava, talvez, o de Vênus, surgida repentinamente das águas, ou um inseto de ouro, refulgente, que houvesse abandonado, para voar, o seu casulo de sêda...

O pelotão inteiro, estremeceu, maravilhado. Lágrimas borbotaram, repentinas, nos olhos dos soldados mais velhos. O próprio oficial cambaleou, vacilante, entre o dever e o deslumbramento. Passada, porém, aquela vaga de atordoamento, o moço militar fechou os olhos e, num gesto de desespêro, bradou:

— Três!

A descarga troou, e Vênus, apertando as duas conchas do seio, onde o sangue floria em corais, rolou, inerte, sôbre a onda azul do seu manto...

Não há, evidentemente, maior crime no planeta, do que êsse cometido em terras de França, por exigência do dever militar. Em nome de que direito, humano ou divino, destruíram aqueles homens, para sempre, essa flor da criação? Se os franceses consideram um sacrilégio, uma barbaridade, uma infâmia, o incêndio das suas catedrais, dos seus castelos, dos seus museus, que denominação se lhes deve dar, a êles, que roubaram à vida, ao mundo, à fome de beleza que se nos revela nos olhos, êsse maravilhoso camafeu da joalharia divina? As catedrais, os museus, os castelos, os monumentos de pedra e de bronze, podem ser restaurados, refeitos, reconstruídos. Eram obras dos homens e os homens podem repetir a sua obra. Quem, porém, nos assegura o reaparecimento de Frieda Nieter, se ela era, na sua graça e na sua beleza, uma jóia nos tumultuosos mostruários da terra?

Pode ser perdoado, no mundo, todo o mal que pode ser reparado. O edifício destruído, e de que ficou o modêlo, pode ser reconstruído. Os exemplares de beleza natural, são, entretanto, insubstituíveis. Êles são como o tempo, que não volta, e como o raio de sol de Diógenes, que Alexandre não pode dar. E se a Alexandre não era permitido tirar a Diógenes aquilo que a sua onipotência não podia substituir, aos homens de hoje, e de todo tempo, não é lícito destruir uma obra de arte, cujo molde é, e sê-lo-á sempre, o mais precioso privilégio dos deuses!

A Beleza deve ser, em todos os séculos, respeitada e sagrada. Os leões, os tigres, os leopardos, são, também, inimigos do homem. Quem é, entretanto, que, apanhando o mais soberbo dos leões, ou o mais formoso dos tigres, teria coragem de matá-lo a tiros, podendo guardá-lo, belo e inerme, para encanto dos seus olhos?

E se o homem guarda uma linda fera, ùnicamente porque é linda, de onde vem esta maldade devastadora, que o faz fuzilar, impiedoso, uma mulher de vinte anos, que é, pela sua formosura, pelas graças do seu corpo, uma glória da raça e da espécie?

Elogiem outros o patriotismo dêsse oficial, bendizendo a hora em que o coração venceu, nele, o assombro dos olhos. Eu, por mim, lhe guardarei a memória, como a de Eróstrato, cuja celebridade se levantou, maldita e triste, sôbre as cinzas ardentes de uma das sete maravilhas do mundo...

XXIII

ENCERRANDO A SESSÃO

DIZIA um clássico português, dos mais morigerados e santos, que os soldados, "no primeiro dia são hóspedes comedidos, no segundo, amigos confiados, no terceiro, senhores insolentes". Deve-se convir, entretanto, que, às vezes, lhes assiste razão para essa modificação gradual de atitude.

O caso ocorrido em Petrogrado a 5 de janeiro de 1918, por ocasião da abertura oficial da constituinte, está nestas condições. Às 4 horas da tarde, Chvostsov, o mais velho entre os representantes do povo, declarou aberta a sessão e mandou proceder à eleição do presidente. Foi eleito Tchernov, socialista revolucionário, contra a Spiridonova, candidata dos bolcheviques. Em seguida, empenharam-se os congressistas em discussões infindáveis e estéreis, examinando princípios e criticando doutrinas, entrando, assim, pela noite. Às duas horas da madrugada, orava Bukharine, atacando Tchernov, e dando ao partido bolchevique, pela

primeira vez, a denominação de "proletário-comunista". Às três horas subia à tribuna Tseretelli, e propunha, em nome do partido social-democrata, o estabelecimento da República democrática, "baseada no voto igual e secreto, sem distinção de sexos". Às quatro horas levantava-se Raskolnikow, e verberava, violento, o ato dos seus colegas bolcheviques, que se haviam retirado do recinto. E quando êste acabou de falar, às cinco horas da manhã, e outro se erguia para a réplica, ouviu-se um ruído surdo, sêco, ao lado do presidente. Era um marinheiro que se havia aproximado de Tchernov, e, fazendo descansar com estrondo a sua carabina no estrado em que assentava a mesa, intimava, solene:

— A guarda está cansada; acabem com isto!

Dois minutos depois, chegando os capotes ao pescoço, os 455 deputados presentes àquela sessão memorável fundiam-se, um a um, nos gelos da manhã, nas ruas de Petrogrado...

XXIV

O RAPTO DO MANECO

DESAPARECEU do seu pedestal, na Avenida, a excelente obra de arte que Belmiro de Almeida moldara com jovialidade para ornamento de uma fonte generosa. Aquele minúsculo cidadão sem ceroulas, sem cuecas, sem um pano que lhe disfarçasse a atitude em que satisfazia uma das mais inocentes exigências orgânicas, fez cócegas na pudicícia do governador da cidade, e, por isso, anteontem, no silêncio da noite, surgiram na sombra uns dois ou três operários municipais, que puseram têrmo, para sempre, àquela encantadora indignidade.

O Sr. prefeito, revelado por êsse gesto de imprevisto, aparece, agora, aos olhos dos seus concidadãos como um homem excepcional, saído, há vinte séculos, dentre os fariseus de olhos mais puros, de moralidade mais rígida, de maneiras mais recatadas. Conta-se, efetivamente, que os membros desta seita eram de santidade tão extremada, que nenhum dêles viu, jamais, o seu pró-

prio corpo. No banho, quando entravam nágua, era sempre com alguma roupa sôbre a pele, afim de não pecarem casualmente com o ignóbil espetáculo da própria figura.

Em nosso tempo, essas manifestações de castidade não são raras: um saudoso comediógrafo maranhense, do meu conhecimento, registrou, uma vez, em uma peça ligeira, êsses escrúpulos do sertanejo. Imagina êle a arrumação de uma casa, em que são vistos, de mistura, todos os móveis. Encontrando-os assim, a mãe de família põe as mãos na cabeça, escandalizada:

— As malas junto do baú? Isso, nunca!

E, nesses arrepios de conciência, a matrona brasileira não era única na sua época. No seu tempo já se falava, nos anais anedóticos, de uma senhora inglesa, muito pura, que, visitando uma Biblioteca, perguntou ao funcionário o nome dos autores enfileirados, dorso com dorso, na mesma prateleira.

— Aqueles? São Walter Scott, Elisabeth Barret, Tomas Campbell, Charlotte Bronte, Robert Blair...

— Como? Homens e mulheres na mesma estante?

E saiu desesperada.

O Sr. prefeito, retirando da Avenida o ingênuo Manneken-Pis, forneceu ao público da cidade, que tanto o estima, prova de uma funda malícia que ninguém, até agora, lhe suspeitava. Há, em verdade, demonstrações de pudicícia que comprometem mais, às vezes, do que a prática de uma abominação.

XXV

A EXALTAÇÃO DE LÁZARO

ENTRE os telegramas publicados ontem, pelos jornais, havia êste, da Associated Press:

> "VIENA, 6 (A. P.) — O barão Satvan, um dos mais ricos e mais empreendedores cidadãos da Hungria, está empregado agora como caixeiro em Budapeste. Muitas famílias de destaque foram internadas. O Sr. Manfredo von Wells e família foram feitos prisioneiros em um aposento de sua própria residência, com quatro famílias proletárias ocupando o resto da habitação. Os antigos criados da casa foram armados e tiveram ordem de atirar e matar os prisioneiros, se êles tentassem evadir-se."

Após a leitura dessa informação telegráfica, procurei um livro sagrado, para refrigério do espírito e consôlo do coração. Abrí-o. Era o dos "Evangelhos", segundo S. Lucas, o qual, com sua doçura apostólica, me repetiu, na dansa religiosa das letras, a parábola de "Lázaro e o mau rico". E era assim: (Lucas, XVI, 19—31):

19 — Ora havia um homem rico, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo e vivia todos os dias regalada e esplêndidamente.

20 — Havia também um certo mendigo chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele.

21 — E desejava saciar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e até vinham os cães, e lambiam-lhe as feridas.

22 — E aconteceu que o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico, e foi sepultado.

23 — E no inferno, erguendo os olhos, estando em tormentos, viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio.

24 — E êle, clamando, disse: Pai Abraão, tem piedade de mim, e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama.

25 — Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro sòmente males; e agora êste é consolado e tu atormentado.

26 — E, além disso, está pôsto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daquí para vós não poderiam, nem tão pouco os de lá para cá.

27 — E disse êle: Rogo-te, pois, ó Abraão, que o mandes à casa de meu pai.

28 — Porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, afim de que não venham também para êste lugar de tormento.

29 — Disse-lhe Abraão: Êles têm Moisés e os profetas; ouçam-nos.

30 — E disse êle: Não. Pai Abraão; mas se algum dos mortos fosse ter com êles, arrepender-se-iam.

31 — Porém, Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tão pouco acreditarão que algum dos mortos ressuscite."

Homens ricos e poderosos que vos banqueteais sôbre a miséria de Lázaro, escutai, se tendes ouvidos, a palavra dos profetas. Abraão já abriu os braços sôbre a Hungria, exaltando os humildes, e há de chegar, mais cedo, ou mais tarde, até nós...

XXVI

UIRARÍ! UIRARÍ!

HÁ na Amazônia um vegetal violentamente tóxico de que se extrai o "curare", e a que os indígenas que o descobriram, dão o nome de "uirarí".

"O "uirarí", informa Gonçalves Dias, é um instrumento de destruição como Deus criou poucos neste mundo. Qualquer animal, mesmo aqueles de maior porte, expira em alguns segundos, principalmente se o tóxico se introduz nas proximidades do coração".

Inácio Acioli, o sisudo naturalista, acrescenta: "Pertence à classe dos cipós, dá-se em lugares paludosos; suas flores, tetrapétalas, são de côr amarela, pálida".

O cônego Francisco Bernardino de Sousa informa: "O animal que é ferido pela flecha impregnada de "uirarí" fica no primeiro momento como que atônito e surpreso; imediatamente depois sobrevêm-lhe vertigens, torpor, vômitos, se disso é susceptível, e a morte."

E adianta: "As flechas impregnadas de veneno conservam a sua fôrça por longos anos, e antes de arremessá-las costumam os índios metê-las na bôca para salivarem; nenhum mal lhes faz isso, porque o perigo está sòmente no contacto do veneno com o sangue."

Com essas origens e utilidades, o "uirarí" não será um símbolo vegetal da calúnia? A inveja, de que esta procede, não será também uma planta parasitária, que nasce nos pântanos e se agarra, sinuosa, rasteira, ao tronco das árvores fortes? Não é ela mortal, especialmente quando atinge o coração? Não é a língua, a saliva humana, que lhe renova eternamente a virulência, tornando-a fatal à vítima, sem perigo, entretanto, para a bôca, que lhe sentiu o contacto?

— Uirarí! Uirarí! — bradavam os índios na guerra, nas batalhas ao sol.

— Uirarí! Uirarí! — bradam os seus descendentes civilizados.

Mas estes, mais precavidos, combatem na sombra...

XXVII

O PRESTÍGIO DO SABONETE

NO discurso com que iniciou, em São Paulo, a 9 de outubro de 1915, a sua campanha pelo ressurgimento cívico do Brasil, Olavo Bilac assim definiu, entre nós, pela primeira vez, o serviço militar: Que é o serviço militar generalizado? E' o triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes, a escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório da dignidade própria e do patriotismo. E' a instrução obrigatória; é a educação cívica obrigatória; é o asseio obrigatório; a higiene obrigatória; a regeneração muscular e física obrigatória. As cidades estão cheias de ociosos descalços, maltrapilhos, inimigos da carta de *abc* e do banho — animais brutos, que de homens têm apenas a aparência e a maldade. Para êsses rebotalhos da sociedade a caserna seria a salvação. A caserna é um filtro admirável, em que os homens se depuram e apuram; dela sairiam concientes, dignos brasileiros, êsses infelizes sem con-

ciência, sem dignidade, sem pátria, que constituem a massa amorfa e triste da nossa multidão.

No ano em que Bilac atirou à esterilidade da alma brasileira êsse punhado de sementes da árvore da Verdade, não havia a mínima probabilidade da militarização da América do Norte. Terminada, porém, a guerra, vem um oficial americano, o capitão J. Abbott, e, alí, no *"American Journal of Clinical Medicine"*, declara, em artigo recente, e documentado, que a maior vitória dos Estados Unidos não foi obtida nas batalhas da Europa, mas nos quartéis, nos campos de exercício militar, contra as moléstias, contra o espírito de indisciplina, e, sobretudo, contra a falta de asseio do seu povo.

Quando o príncipe do nosso Parnaso aludia, insistentemente, nas palestras de camaradas, à necessidade de dar um banho com sabonete no Brasil inteiro, passando-lhe, depois, um pente, nós, que o ouvíamos, supúnhamos, geralmente, tratar-se de uma "blague", de um dos seus recursos de imagens, tão constantes e tão irônicos. E, no entanto, êle dava um conselho verdadeiro, sem hipérboles nem redundâncias, como homem que conhecia, de perto, a gente do seu país.

O futuro do Brasil está, efetivamente, muito mais na torneira, na caixa dágua, na margem do rio, do que na escola, no livro, no banco da Academia. Foi pelos seus hábitos de higiene, de limpeza, de bom gôsto, que o homem se libertou da animalidade. O homem sujo, por mais alto que seja o surto do espírito, é, ainda, irmão do porco, do cão, do asno, pelo seu contacto com o monturo. Não há homens superiores sem o sentimento do asseio. Diógenes morava no tonel, mas conhecia todos os mananciais das cercanias de Atenas. A propósito do seu amor à água, conta-se, mesmo, uma anedota, cuja oportunidade desculpa a senectude. Um dia, um amigo levou o filósofo à cisterna, para a sua ablução quotidiana. Diógenes olhou a água, e, vendo-o suja, perguntou ao dono da casa:

— Depois de tomar banho aquí, onde me devo lavar?

Napoleão Bonaparte (Frederico Masson, *"Napoléon et ses femmes"*, p. 117) no mais agitado das batalhas não esqueceu, jamais, os cuidados da "toilette". E êsse há-

bito êle trouxera dos tempos de obscuridade e de penúria, quando os íntimos o acharam, por mais de uma vez, serzindo os calções, dando-lhes aspecto de decência. Robespierre (Jean Bernard, *Histoire anecdotique de la Révolution Française,* vol. I, p. 8), no tumulto da Revolução, foi encontrado, um dia, pelos partidários, a pregar, êle próprio, um botão da roupa, interessado, sempre, em evitar uma negligência de gôsto, na modéstia da sua elegância. Bolívar (R. Palma, *"Mis ultimas tradiciones",* p. 166), o maior espírito militar do continente, gastou no Perú, em quatro anos, oito mil pesos em água de Colônia. E todos foram homens que dignificaram, como os que melhor o fizeram, a sua raça, o seu tempo, a sua espécie.

A falta de asseio é inteiramente incompatível com altas faculdades do espírito e do caráter. E a observação do capitão Abbott, nos Estados Unidos, vem nos provar, mais uma vez, que Bilac semeava o legítimo ouro da verdade quando, há três anos, prometia regenerar o Brasil, de norte a sul, com um pente e um sabonete.

XXVIII

A VITÓRIA DO HOMEM BOM

(Apólogo do fim da guerra)

EM uma estrada deserta, encontraram-se, um dia, dois transeúntes, o Homem Bom e o Homem Mau, que se odiavam, e atracaram-se em formidável combate corporal.

— Que pretendes de mim? — indagou, afinal, o Homem Mau, libertando-se dos braços de ferro do adversário.

— Quero que te confesses vencido, e que confirmando a tua derrota, me entregues as tuas armas.

— Se eu t'as entregar, consentes que eu continue o meu caminho?

— Consinto.

— Então, aqui as tens.

E entregou-lhe o punhal e o revólver, as armas que trazia. Mal, porém, tentara afastar-se, o Homem Bom o conteve, segurando-o pela gola.

— Que queres mais? Deixa-me!

— Deixar-te? És tolo! Exijo que me dês o teu ouro, para reparar os danos que me causaste na luta.

— Leva-o! — disse, passando-lhe a bolsa.

E ia continuar a viagem, quando o outro, ainda uma vez, o deteve:

— Agora, dá-me a tua roupa!

— Toma-a!

— E os teus sapatos!

Só então, desarmado, descalço e nu, o Homem Bom deixou, afinal, que o Homem Mau continuasse o seu caminho.

E se assim aconteceu nesse caso, que seria do mundo, hoje, se o Homem Mau tivesse vencido o Homem Bom?

XXIX

LOS NIETOS DE DON IGNACIO

UM dos poetas característicos da Espanha, é, positivamente, o valoroso Don Ignacio de Luzan, autor ilustre de algumas canções patrióticas, e tradutor, alí, de alguns poemas de Metastásio. Êle é, no entusiasmo com que se arrebata a si mesmo, uma espécie de Cervantes versificado. E nos seus exageros magníficos, reflete, inteiro, o espírito cavalheiresco da raça. Falando, por exemplo, da conquista de Oran, pelos espanhóis, diz êle que era tão grande a frota enviada com aquele destino, que,

Para enchir tanta vela faltó viento!

E quando as fôrças de Espanha chegaram à África, bebendo a água do oceano, houve um verdadeiro cataclismo no continente:

No hay poder que resista
Al impetu y ardor del leon de España,
Que vino, vió e venció; y el agareno

Probó de susto lleno
A un tiempo amago y golpe de su saña:
Cual suele ver, no sin mortal desmayo,
Rasgarse en ronco trueno
Las pardas nubes, y abortar el rayo,
El pasmado pastor, y todo junto
Arder cielo y encina á un mismo punto.

Tão valentemente obraram, enfim, naquelas terras do Mouro, as cristianíssimas espadas dos descendentes do Cid, que, quando os poetas quiseram celebrar êsses feitos,

Faltó voz á la fama en tal asunto!

Don Ignacio de Luzan temia, entretanto, às vezes, que a Espanha degenerasse, produzindo homens incompatíveis com a grandeza heróica dos antepassados; depois, porém, vinham a fé, a confiança no futuro de tão grande povo, pelo exemplo que lhe fornecia a natureza:

Nace del fuerte el fuerte, y de la interna
Virtud del padre toma el becerrillo
Que en las dehesas de Jarama pace.
Acaso alguno vió jamás que nace
Del águila feroz triste cuchillo,
Nocturno buho ó palomita tierna?

Fiado, assim, na lei da hereditariedade, o poeta afirmava, então:

Después vendrán, y nolo espero en vano,
Emulandose en glorias y en efetos
Los hijos de los hijos y los nietos

E de que a pátria do bravo Don Ignacio não degenerou, como temia o seu poeta, aí está, agora, o rompimento com a Alemanha, depois que a viu derrotada, aniquilada, fraccionada. Assumindo essa atitude enérgica em momento tão delicado, a Espanha se assemelha àquele "poilu" a quem perguntaram o que tinha feito na guerra.

— J'ai coupé les jambes à un ennemi! — respondeu.

— Pourquoi ne lui avez-vous pas coupé la tête? — insistiu o interlocutor.

E êle:

— C'est qu'elle l'était déjà!

Quem quiser celebrar o último gesto heróico da Espanha, verá que, efetivamente,

Falta voz á la fama... en tal asunto!...

XXX

A CONVALESCENÇA DA FRANÇA

UM dos espetáculos que mais impressionaram Ernesto Haeckel na Índia, e que êle refere nas suas notas de viagem a êsse eterno reino de maravilhas, foi o agrupamento dos faquires, no bairro dos brâmanes, em Bombaim. Entre aqueles fanáticos, despertou-lhe a curiosidade, principalmente, um velho mendigante, que, para perpetuar a colheita de esmolas, ceifadas na piedade dos visitantes, polvilhava com cinza fria as incontáveis feridas do corpo.

A idéia do Sr. Jules Cels, sub-secretário de Estado das Obras Públicas, da França, de reparar os estragos financeiros do Tesouro Nacional com a exposição, aos estrangeiros, dos lugares devastados pela selvajaria alemã, traz à lembrança, de pronto, aqueles míseros indianos, exploradores da própria miséria. Custa a crer, até, que em cérebro francês tivesse abotoado semelhante pensamento, tão em desacôrdo com a es-

piritualidade da raça e com os escrúpulos dos seus estadistas.

A França, para salvar-se, chamando o mundo opulento à graça cariciosa dos seus braços, não deve agir como os faquires alheios, mas, antes, como as suas parisienses: o que lhe compete não é deitar cinza nas feridas, para despertar a piedade, mas empoar o rosto e carminar a boquita de cravo, desfazendo com arte, entre as claridades de um sorriso, os derradeiros vestígios das lágrimas...

XXXI

O CID MINEIRO

OS hábitos modestos e rudes do antigo chefe mineiro coronel Bias Fortes, tornaram-no, ainda em vida, uma personagem quasi lendária. Criaram-se em tôrno da sua simplicidade as versões mais pitorescas e curiosas, que se fracionaram, depois, em anedotas e tradições, algumas das quais positivamente inverosímeis.

Um dos acontecimentos característicos da sua bonhomia, e que se tornaram mais populares em todo o país, foi, entretanto, a visita que teria recebido de um moço do Rio, que lhe fôra recomendado. Tinha ido êsse viajante a Barbacena, com uma carta para o senador Bias, e dirigiu-se à residência daquele grande chefe eleitoral, com o intuito de apresentar-se. À porta da chácara estava, na ocasião, um caboclo pequenino, moreno, e feio, de calça arregaçada e escova na mão, que se entretinha a lavar um cavalo, e que, pela figura, e pelo traje, devia ser um dos criados da casa.

— É aquí que mora o senador Bias Fortes? — perguntou o moço, com importância.

— É, sim, senhor! — respondeu o caboclo.

— Êle está em casa? — indagou.

— Está, sim, senhor!

— Vá, então, dizer-lhe, que há aquí uma pessoa do Rio, que lhe traz uma carta.

O caboclo examinou-o com um olhar desconfiado, e pediu:

— Me dê a carta; sou eu mesmo!

Essa história pode ser verídica, por que não há nada de novo na terra. Ela já existia, entretanto, há exatamente sessenta anos, isto é, desde 16 de fevereiro de 1859, dia em que Victor Hugo escreveu na *Legende des Siècles* (tomo I, p. 225), o seu poemeto *Bivar,* em que dá um exemplo da rusticidade do Cid. Êsses versos, que fazem parte do *Cycle héroïque chrétien,* principiam por esta cena:

"Bivar était, au fond d'un bois sombre, un manoir
Carré, flanqué de tours, fort vieux, et d'aspect noir.
La cour était petite et la porte était laide.
Quand le cheik Jabias, depuis roi de Tolède,
Vint visiter le Cid au retour de Cintra,

Dans l'étroit patio le prince maure entra:
Un homme que tenait à la main une étrille,
Pansait une jument attachée à la grille;
Cet homme, dont le cheik ne voyait que le dos,
Venait de déposer à terre des fardeaux,
Un sac d'avoine, une auge, un harnais, une selle:
La bannière arborée au donjon était celle
De Don Diègue, ce père étant encore vivant;
L'homme sans voir le cheik, frottant, brossant, lavant,
Travaillait, tête nue et bras nus, et sa veste
Était d'un cuir farouche et d'une mode agreste;
Le cheik, sans ébaucher même un "buenos dias"
Dit: "Manant, je viens voir le seigneur Ruiz Diaz,
Le grand Campéador des Castilles". Et l'homme,
Se retournant, lui dit: "C'est moi!..."

Não será, porventura, a mesmíssima história, com o mesmo homem simples, a mesma visita arrogante, e, até, o mesmo quadrúpede?

XXXII

A LIÇÃO DO HEDJAZ

EM certo capítulo das suas *Mémoires d'outre tombe,* Chateaubriand exclama, de repente: — "Ces énormes batailles de Napoléon sont au delà de la gloire. Napoléon a tué la guerre en l'exagérant".

Foi o conflito universal de 1914, entretanto, que tirou à guerra a sua poesia mais profunda, privando-a, com o emprêgo exclusivo de instrumentos puramente mecânicos, daquela soma de ideal, de bravura, de heroísmo cavalheiresco, dos episódios e surtos que faziam o encanto das guerras antigas. Joffre, no Marne, com os seus dez mil canhões, foi, porventura, maior que Leônidas, nas Termópilas, com as suas trezentas espadas? Jellicoe, no mar do Norte, terá sido mais bravo do que Temístocles em Salamina?

A guerra de 1914 matou, para sempre, as flores vermelhas do heroísmo. Os gases asfixiantes, elevando-se em turbilhões revoltos e criminosos, destruíram, dissolven-

do-as em fumo, as auréolas dos heróis. O que restava de sonho, de ideal, de aspiração heróica nos espíritos belicosos, ruiu, rolou, desmoronou-se, para desaparecer, ao longe, em tumulto, no ferver das torrentes de sangue.

A bravura desinteressada não desertou, entretanto, de todo, a face da terra. E aí está a prova nesse formidável Tratado de Paz redigido pelo delírio das nações vitoriosas, na parte em que se trata, de passagem, nas reivindicações do Hedjaz.

O documento imposto à assinatura da Alemanha é, com essa exceção única, a negação absoluta, completa, geral, dos sentimentos generosos e idealistas dos povos vencedores. Que é que deseja a França da sua grande inimiga aniquilada? Indenizações, navios, territórios. E a Inglaterra? Colônias, navios, indenizações. E os Estados-Unidos? Territórios, indenizações, e navios. E a Itália? Navios, colônias, indenizações. E a Bélgica? e o Japão? e o Brasil? e Portugal? e a Sérvia? e a Grécia? e a Rumânia? e a China? e a Polônia? Ou dinheiro, ou cidades, ou colônias; ou tudo isso conjuntamente — reivindicações justas, talvez, mas, em todo caso, maculadas pela ambição, deslustradas pela vingança, azinhavradas pelo interêsse. Enquanto isso, que é que reclamam, como prêmio a tanto esfôrço, os guerreiros do Hedjaz e alguns maometanos da Índia, por intermédio da Inglaterra? Di-lo, na sua simplicidade, êste trecho do tratado:

> "Disposições especiais: — A Alemanha compromete-se a restituir, dentro de seis meses, ao Sultão do Hedjaz, o Alcorão do Califa Oton e ao govêrno de suas majestades britânicas, o crânio do sultão Mikwawa, que em tempos passados estava na África Oriental Alemã".

Êste surto de idealismo compensou, para os sonhadores, o espírito de mercantilismo que transpira dos vinte capítulos dêsse monstruoso parto da vitória. A Ásia, que amamentou o Heroísmo, quando no berço, reclamou-o, agora, na hora suprema, para dar-lhe, embalsamado nesse beijo materno, um túmulo de ouro...

XXXIII

O TOURO E O CUPIM

O operariado das capitais européias, por deliberação unânime, resolveu estabelecer a greve geral em todos os portos, estradas, e oficinas. E o fim dêsse movimento é, segundo a declaração dos seus "leaders", fazer uma demonstração de fôrça, um exercício de capacidade e de resistência para a formidável investida que se prepara.

O nosso poeta mineiro Bernardo Guimarães tem uma tentativa de poema sertanejo, que lembra, de algum modo, essa atitude do operariado europeu. E' a história de um touro jovem, expulso, a chifradas, da várzea onde nasceu, por um velho touro invencível, que é, talvez, o seu pai. Escorraçado da companhia das vacas e novilhas, que o requestavam mugindo, isolou-se o luzido animal no seio das caatingas solitárias, berrando, alto, as tristezas do seu exílio. A vingança dormiu-lhe, porém, no coração, como a água do inverno, triste e lôbrega, nos açudes esquecidos. De manhã, nas clareiras

abandonadas, ensaiava o combate futuro: arremetia contra os troncos podres, rebentando cascas, sacudindo galhos, espedaçando cupins, numa contínua experiência dos cornos. E quando se sentiu forte, apareceu, arrogante, na orla da várzea:

Assim César, a quem de Roma arreda
De ambiciosos êmulos a inveja,
Depois que longo tempo confinado
Cem batalhas venceu, domou cem povos,
À Itália volta, o Rubicon transpõe,
O orgulhoso Pompeu enxota e vence,
E toma posse da cidade eterna...

E a luta, que é tremenda, termina pela vitória do touro jovem. O outro, o antigo senhor da várzea, dez vezes atirado por terra, dá-se, afinal, por vencido:

Do irado vencedor as córneas pontas
Ei-lo já sente retalhar-lhe as carnes;
Então, soltando um lúgubre bramido
A custo se ergue, e rápida carreira
Fugindo estende pelos campos vastos;
O vencedor, porém, vai-lhe no encalço,
E por espaço longo, o segue e punge
Até transpor as últimas colinas,
E longe o exila dêsses campos, onde
Inda há pouco, no meio das manadas,
Seu poderio alardeava ufano!

Essas experiências de greve geral na Europa, não serão, a esta hora, a chifrada do touro no cupim? E se o jovem touro do Trabalho, desta vez, se sair bem da prova, não será capaz de surgir na várzea, para escorraçar, de uma vez, o velho touro do Capital?

A terra principia a estremecer. Os mugidos, longínquos e profundos, cruzam-se no vento. E' o combate, talvez, que vai começar...

XXXIV

A VINGANÇA DO CALIFA

A imprensa dos cinco continentes tem comentado com justificada vivacidade, nestas últimas quarenta e oito horas, as cláusulas de fogo impostas pelos aliados à assinatura da Alemanha derrotada. Na França, o entusiasmo atinge o delírio; na Inglaterra, o povo reconhece a justiça da imposição, sem contestar, entretanto, a severidade do castigo; apenas a América, pelos dentes de chumbo da sua imprensa, confessa que a Europa acaba de plantar no seu solo encharcado de sangue a semente de novos conflitos, que destruirão, dentro de um século, os últimos alicerces da civilização atual.

O tratado de paz redigido pelas potências, com a assinatura do mundo e em proveito exclusivo delas mesmas, é um documento sem precedentes na história econômica e militar da humanidade. O Império Romano não foi, jamais, tão impenitente com

os seus inimigos subjugados. As monarquias persas, no seu fastígio bárbaro e na sua onipotência formidável, nunca vergaram com tanta fereza a dignidade nacional dos vencidos. Se os aliados tivessem reunido os seus "tanks" nas quatro fronteiras do Império Germânico, para revolverem, na sua marcha destruidora, o solo da Alemanha, a humanidade futura viria a ter, talvez, perturbando-lhe o sono do corpo e a serenidade da conciência, uma herança de ódio cem vezes mais leve, mais branda, mais perdoável.

Há, nas "Mil e uma Noites", um conto triste que dá uma idéia, pela descaridade, da fome de vingança com que Clemenceau sacudiu a sua saliva de sangue no cadáver enlameado da Alemanha. E' o que Scharazade recorda, na undécima noite de companhia, à insônia de Schariar. Movimenta-o com o seu ódio um califa poderoso e terrível, cujo filho lhe arrebatou a mais formosa das amantes. Apaixonados, e vendo no fogo do seu amor a chama que os devia perder, os dois jovens desceram, uma noite, as escadas de um grande túmulo e, aí, procuraram a morte. Acesa uma fogueira, esta os

foi, pouco a pouco, envolvendo, até que os carbonizou, abraçados. Descoberto o esconderijo daqueles noivos infelizes, o califa correu a buscá-los. E deparando o corpo dos namorados, não se conteve: cuspiu na face do filho e, tirando a sandália dos pés, deu-lhe com ela no rosto!

Os aliados estão a cometer, agora, essa impiedade dolorosa. Humilhando a Alemanha até à pá de cal do tratado leonino que lhe impuseram, êles conseguem, apenas, esbofetear um cadáver.

XXXV

O MATE

UM dia, querendo verificar o efeito da sua palavra semeada na terra, desceu Nosso Senhor do seu reino no céu, e pôs-se a percorrer o mundo, com São Pedro e São João. Haviam, já, os três, atravessado cidades, subido montanhas, vadeado rios e cortado florestas, quando, uma tarde, ao desabrochar das estrêlas, bateram à porta de um casebre, nas matas do Paraguai. Vinham fatigadíssimos, cobertos de poeira e mordidos de fome, denunciando nos vestidos, nos pés e nos olhos, a dureza daquela jornada.

Nesse casebre, onde a pobreza contrastava com a felicidade, residia um velhinho, cujo único bem consistia em uma filha jovem e formosíssima, que era, naquelas solidões, na melancolia daquelas brenhas, o refúgio da sua tristeza, o fogo do seu inverno, a hera que abraçava, coberta de flores, a árvore que a alimentara. E como os viajantes pedissem de comer, o velho foi ao

quintal, de onde entregou à moça, para a ceia dos hóspedes, a última galinha que lhe restava.

Terminado o repasto, Nosso Senhor, chamando à parte os discípulos, companheiros anônimos daquela peregrinação, perguntou-lhes que recompensa merecia o ancião, que tão longe levava, na vida humilde, o seu espírito de caridade. E como os discípulos declinassem de uma sugestão, o divino caminheiro chamou o dono da casa, e disse-lhe, abençoando-o:

— Tu, que és pobre, foste generoso com um viajante da tua estrada. Pois, bem: como recompensa, a tua filha, que é tão pura, e a quem tanto queres, viverá eternamente na terra, consolando os tristes, revigorando os enfermos, dando fôrça aos caminhantes... Em nome do meu pai, eu te abençôo.

E desapareceu.

Passado algum tempo, a região se cobria de uma árvore milagrosa, que renascia perpètuamente e que, fervida, alimentava e curava. Era a erva-mate, de que estão cheias, hoje, aquelas paragens do Paraguai...

*
* *

Essa legenda, de origem jesuítica, encontrada por Ambrosetti (*Supersticiones y leyendas,* p. 86) no território das Missões, tem uma outra versão em que a moça se transforma em fada, que protege os ervais. Admitida a sua existência, não quererá ela, agora, proteger o mate do Brasil contra o plano econômico de um grupo de agricultores americanos, aos quais um telegrama de Buenos-Aires atribuía ontem o propósito de combater, pela competência, a erva do Paraná?

XXXVI

A FOGUEIRA DO CEDRON

EM 1915, quando o Deus dos exércitos recusava aos aliados o auxílio dos anjos dos Macabeus, a França e a Inglaterra celebraram solenemente um tratado com a Itália, em que se comprometiam a entregar-lhe, discricionàriamente, o domínio do Adriático. Passados quatro anos, no ajuste definitivo das contas de guerra, os italianos, estribados nos compromissos recìprocamente assumidos, reclamaram a posse de certos territórios e cidades da Áustria, a que aludiam as primeiras combinações. E os aliados recusaram: a Itália havia brigado mais do que se estipulara nas chancelarias, e essa circunstância invalidava, em absoluto, o acôrdo secreto para a sua participação na vitória!

Essa felonia, que tem espantado o mundo, reacende nas areias sagradas da História as últimas fagulhas da fogueira do Cedron, que tanto iluminou, com os seus clarões imortais, a glória de Salomão.

Havia em Jerusalém um judeu, homem opulento e curioso, que prometeu um prêmio avultado àquele que, num excesso de desprendimento pessoal e de coragem abnegada, passasse uma noite de inverno, inteira, mergulhado, até o pescoço, nas águas do Cedron. Conhecida a aposta, apresentou-se, pronto para a emprêsa, um moço forte, resoluto, mas de baixa condição. A mãe do rapaz não queria, porém, que êle aventurasse a vida nos riscos daquele lance. As águas estavam frias, quasi de gêlo, e, certo, êle não as suportaria durante horas tão demoradas. O moço não a atendeu e, diante das testemunhas e de grande massa de povo entusiasmado, mergulhou, ao pôr do sol, nas águas silenciosas do rio.

Tarde da noite, a temperatura começou a descer, fazendo tiritar as testemunhas. A mãe do rapaz, velha e alquebrada, batia os dentes, de frio; e como não quisesse abandonar o filho, juntou, em tôrno, uma braçada de gravetos e fôlhas, acendendo uma fogueira, que lhe aqueceu, quanto possível, as articulações enregeladas. Pela manhã, enfim, retirado o moço, quasi morto, do fundo do rio, dirigiram-se, todos, à casa do judeu, a

quem contaram meticulosamente as peripécias do caso, inclusive a dedicação incomparável daquela mãe, que, para se não separar do filho, se sujeitara a passar a noite ao relento, com frio, aconchegada, apenas, às tímidas labaredas de uma fogueira.

— Como? — exclamou o usurário, dando um salto, — a senhora acendeu uma fogueira?

— Acendí — respondeu a velha, ingênua.

— Nesse caso, não pago. Foi um meio que a senhora arranjou para aquecer o rapaz... Está nula a aposta!

E não pagaria, mesmo, o prêmio prometido, se não se tivesse dado, providencialmente, a interferência de Salomão, com a sua divina sabedoria.

Que há de fazer, porém, a Itália, se o próprio Salomão está mancomunado, agora, com os judeus de Jerusalém?

XXXVII

WANG-TISETO-MANG

CHEGARAM a París, anteontem, quatro mandarins chineses, membros dos mais eminentes, da Universidade de Pequim. Chefia-os o venerabilíssimo Wang-Tiseto-Mang, profundo conhecedor das literaturas ocidentais, e vão, todos, estudar os processos pedagógicos dos franceses, para serem adotados em todas as escolas da China. Com êsses professores, desembarcaram na França, também, cento e cincoenta estudantes chineses, que alí se vão embebedar de beleza e de espírito, na bôca de morango e nos olhos de ouro das lindas mulheres parisienses.

Essa missão pedagógica às tentadoras terras da França, demonstra o que é, mesmo neste século, o santo escrúpulo dos discípulos de Confúcio. O francês, o inglês, o alemão, qualquer, enfim, dos povos do ocidente, não se dá, geralmente, ao trabalho de tão longas peregrinações, para considerar-se iniciado na mais complexa cultura chi-

nesa. Os professores da Sorbona, de Oxford e de Leipzig, falam das muralhas da China como dos muros da sua chácara. Conhecem, todos, um a um, os membros das dinastias sagradas, da de Hia à de Tai-Tsingh, enumerando-lhes os vícios, citando-lhes as virtudes, catalogando-lhes os leques, com a mais atordoante preocupação das minúcias. Wang-Wie é seu íntimo, seu oráculo, seu irmão. Kian-Han-King enfileira-se, em volumes de meio metro, na prateleira das suas estantes. Tching-Thing-Yo está aí à direita de Che-Kiun-Páo, e Ku-Tsen-King à esquerda de Thsin-Kien-Fu. O espírito de cada um dêles é, em suma, a sabedoria chinesa revelada, de súbito, à ignorância do ocidente.

Era essa capacidade assombrosa de simular conhecimentos exóticos, exatamente, que mais espantava Rica, nas *Lettres persanes*, de Montesquieu. Em uma das suas cartas de París, a Rhedí, êsse displicente sibarita de Teeran confessava que, no seu entender, os professores franceses eram infinitamente mais inteligentes, mais lúcidos, do que todas as academias orientais, pois conseguiram essa cousa maravilhosa, que era ensinar aquilo que êles próprios não sabiam. E terminava, com gravidade: "porque, se é preciso muito espírito, Rhedí, para mostrar o que se sabe, ainda é preciso mais para ensinar o que se ignora".

E é nesse país delicioso que está, desde anteontem, Wang-Tiseto-Mang. Que carta encantadora já não terá êle escrito, a esta hora, com uma perna de barata, ao seu colega Tchiang-Tchong-Hien, em Pequim?

XXXVIII

A ÚLTIMA ODALISCA

INFORMA um telegrama de Londres que os marajás da Índia misteriosa, unidos e soberbos, protestaram perante a Inglaterra, ama do Oriente e senhora do mar, contra o sacrilégio com que combinou fulminar o sultão da Turquia, que se quer exilar, agora, do seu último reduto na Europa. Os maometanos asiáticos estão, todos, solidários com o Imperador dos Crentes, cuja autoridade pretendem sustentar entre alfanges, como sustentam, há doze séculos, a santidade do próprio Profeta.

Essa dedicação da Ásia ao sultão de Constantinopla, representa, hoje, aos olhos do mundo, a paixão de um coração vivo, leal, palpitante, pelos restos de um cadáver. Há um conto de Boccacio, repetido, se bem me recordo, por Brantome, que é a história, mais ou menos, de uma paixão semelhante. Certo marido ciumento, sabedor das infidelidades da mulher, preparou-se, um dia, para surpreendê-la, simulando a

viagem clássica dos esposos desconfiados. À noite, porém, reentrando em casa, e encontrando a espôsa, no seu leito, entre os braços flexuosos do amante, lança-se contra êle, com os criados, amarrando-o com grandes cordas ao corpo delicado da adúltera. Feito isso, o novo Otelo do Adriático apunhala voluptuosamente o profanador do seu lar, deixando-o sem vida, mas preso, ainda, ao peito ondulante da moça, que procurava, debalde, reanimá-lo com os seus beijos. Ao fim de alguns dias, porém, o corpo do amante começou a decompor-se; e ela teve de assistir, junto à sua carne, o escorrer da sânie e o fervilhar sinistro dos vermes, num confronto terrível, horrendo, dantesco, da vida e da morte.

A Índia, viva e jovem, tem, assim, nos braços ardentes, o cadáver do Sultão. E, no seu amor de tragédia, beija-o sôfregamente, abrindo-lhe, como a pálida Madalena de Luiz Delfino, a pétala da pálpebra morta, olhando-o com ternura, com alma, com ansiedade.

Para ver se êle a vê... beijando-o ainda!

XXXIX

AS BARBAS DO DEFUNTO

UM escritor provinciano, citado por mim em recente crônica de amizade, contestou, há dias, na imprensa do seu Estado, a autoria, que eu lhe atribuí, de dois ou três volumes de versos.

— Êles não são, porventura, teus filhos? — pergunto.

E êle:

— São; mas eu os repudiei. São pecadilhos de uma juventude longínqua, documentos de idéias que não se adaptam à minha maneira atual, de opiniões que já não professo, de um estilo que hoje me desagrada. Constituem, todos, enfim, pedaços da minha carne, gotas do meu sangue, mas que se não confundiriam, atualmente, com a carne que enfeita os meus ossos e com o sangue que me corre nas veias.

São frequentíssimos nos escritores modernos êsses gestos de repúdio, que me parecem injustificáveis.

O homem de letras que triunfou pelo talento e pela cultura, não devia envergonhar-se de certos partos do espírito, mesmo que se tratasse de abortos. O que nós escrevemos, é nosso; e mesmo que repudiemos em vida aquilo que nos parece desagradável, por não se coadunar mais com as nossas tendências, com as variantes do nosso novo feitio, a medida será inútil: mais tarde aparecerá, fatalmente, a mão irreverente de um biógrafo, ou de um simples bibliógrafo, para reconduzir o filho pródigo à porta de mármore da sepultura do pai.

Há um episódio da vida de Rodin que me faz lembrar êsse gênero de ingratidão literária. Na sua excursão pela Europa, aonde o mandara uma publicação argentina, foi Soiza Reilly visitar a oficina do novo Miguel Ângelo, que saiu a mostrar-lhe, atencioso, os menores compartimentos da fábrica. Em determinado salão foram os olhos do visitante despertados por dezenas de caixões empilhados, que exibiam rótulos de estradas de ferro e linhas de vapores dos pontos mais olvidados da terra. Eram obras de arte devolvidas pelos motivos mais fúteis, num protesto universal contra as

inovações daquela escultura rebelde. Uma destas possuía, entretanto, uma história curiosa, que Rodin relatou ao seu hóspede de meia hora:

— Uma senhora argentina, que me pareceu milionária, encomendou-me, aquí, o busto do espôso. Era um cavalheiro barbado, de aspecto magnífico. Fiz o busto com uma barba soberba, que dava realce ao rosto, e embarquei-o para Buenos-Aires. Dois meses depois recebo, de retôrno, o caixão, seguido de uma carta em que a senhora me comunicava, chorosa, ter ficado viúva, e que o espôso cortara a barba antes de morrer...

Os escritores que repudiam um livro, ou um artigo, ou uma frase, de que um dia tiveram orgulho, são, sob êsse aspecto, como essa viúva argentina. Os filhos de seu sangue, ou o espôso do seu amor, são ùnicamente aqueles que lhes retratam a última feição das idéias.

XL

OS NETOS DE NUMA

ENTRE os romanos primitivos, fundadores da cidade, plantadores dessa minúscula semente de ouro de que deveria nascer, mais tarde, a árvore do maior Império que jamais pesou sôbre a terra, o ano começava pelo mês de março, dedicado a Marte, senhor das batalhas. O de janeiro, votado a Janus, entidade pacífica, espírito conciliador dos primeiros conflitos íntimos da República, aparecia em terceiro lugar, dando a entender, assim, aos homens, que os contavam e compreendiam, a ascendência das cousas da guerra sôbre os serenos interêsses da paz. Elevada, porém, ao poder a sabedoria de Numa Pompílio iniciou êste, de pronto, uma revisão simbólica do calendário, na qual, começando o ano pelo mês de janeiro, se estabelecia, definitivamente, a precedência de Janus sôbre Marte, ou melhor, das cousas civís sôbre as cousas militares.

Passados dois mil e seiscentos anos, é êsse, da supremacia do poder civil sôbre o militar, um dos problemas que ainda preocupam, na terra, os grandes homens de Estado. Di-lo, como exemplo, o seguinte telegrama, publicado anteontem pelos jornais:

> "PARÍS, 8 — O Conselho dos Quatro adotou a moção apresentada pelo delegado dos Estados-Unidos, Sr. Borghes, propondo que seja dada a supremacia, na Liga das Nações, ao poder civil sôbre o poder militar."

Para tanto, não era preciso, evidentemente, a sabedoria dos quatro evangelistas do Conselho de Versailles. Numa Pompílio já havia chegado à mesma conclusão com a simples colaboração da sua Egéria. De onde se conclue que, o que hoje se resolve com quatro cabeças de homens, já se havia resolvido, há vinte e seis séculos, com uma cabeça de mulher.

XLI

LISONJA AMERICANA

CONTAM os primeiros cronistas da América espanhola que, no momento em que Alvarado, com quinhentos soldados e duzentos e vinte e seis cavalos, ordenou, em Quito, que se continuasse a viagem através da cordilheira, foi ouvido um enorme estrondo na terra e no céu. Era o Cotopaxi que entrava em erupção, abalando o solo e toldando as nuvens. O conquistador fitou em silêncio os seus homens, e, entendendo-se pelos olhos, romperam, todos, a marcha para diante, como se a montanha, naquele momento, os saudasse...

Decorridos quatro séculos, assistiu a América, de novo, um espetáculo semelhante: no instante em que o Sr. Epitácio Pessoa, presidente eleito do Brasil, desembarcava, anteontem, em Nova-York, ouviu-se nas alturas — diz um telegrama — profundo, longo, demorado, o ribombo de um trovão. Um dos oficiais americanos voltou-se,

então, para o hóspede ilustre, e observou-lhe, gentil:

— O próprio céu vos está saudando, Excelência!

Em matéria de lisonja elegante, eu conheço pouquíssimos episódios parecidos. Um dos mais célebres e característicos é, porém, o arroubo de um representante da Córsega, na Assembléia, durante a Revolução, o qual, orando, em 1790, exclamou:

— "On dirait, messieurs, qu'en plaçant là ces rocs élevés, la nature a voulu permettre aux habitants de la Corse, de découvrir, de ces hautes cimes, la terre de France!"

O caso do nosso presidente é, porém, outro. Dêle, o que se pode dizer, é, mal parodiando, o que contou Ignacio de Luzan sôbre a chegada dos espanhóis em África, na sua famosa *Conquista de Oran*:

Estremecióse el africano cielo
Y temblaron de miedo las almenas,
Del formidable vencedor á vista!

XLII

AS MULHERES DO SULTÃO

EM nota do seu *Journal,* datada de 30 de abril de 1881, (vol. VI pág. 144), conta Edmond de Goncourt uma anedota feroz, que lhe relatara, nesse dia, Camille Rousset. Tendo o general Sebastiani impedido o ataque dos ingleses a Constantinopla, o sultão Selim mandou chamá-lo a palácio, e pediu:

— Dize-me o que desejas de mim, que eu te possa fazer; o que escolheres nos meus domínios, será teu.

O general, mais curioso do que ambicioso, escolheu:

— Eu pediria, apenas, que Vossa Majestade me deixasse ver o Harém.

— Tu o verás, — respondeu o monarca. Terminada a visita, indagou o sultão:

— Viste entre as minhas mulheres alguma que te agradasse?

— Sim, — atendeu Sebastiani; e indicou uma das mais lindas circassianas do serralho.

— Está bem, — rugiu o bárbaro.

Nesta mesma tarde o general recebia, no seu quartel, em um prato de ouro, a cabeça da mulher que escolhera, e que o sultão fazia acompanhar desta mensagem: "Na minha qualidade de muçulmano, eu não te podia oferecer, a ti, cristão, uma mulher da minha religião; mas, com êste brinde, que te mando, ficarás satisfeito, sabendo que a mulher sôbre a qual puseste os teus olhos não pertencerá mais a ninguém."

Um telegrama de Constantinopla, publicado anteontem pelos jornais, vem mostrar, entretanto, quanto se tem modificado a mentalidade do imperador dos crentes, através dos seus sucessores: colocado em dificuldades para sustentar as suas mulheres, o sultão está, pouco a pouco, descongestionando o harém, sendo, nisso, imitado pelos pachás, cujos serralhos se acham, também, quasi despovoados...

Assim, vai a necessidade, a carência de pão, obrigar os muçulmanos a se cingirem ao que determinou o Profeta, no seu mandamento sôbre as mulheres, dado em Medina (*Koran*, IV, vers. 2):

"Não esposeis senão duas, três ou quatro mulheres. Escolhei aquelas que vos tiverem agradado. Se não as puderdes manter com equidade, tomai apenas uma, ou contentai-vos com as vossas escravas. Esta conduta prudente vos facilitará o meio de serdes justos, e de dotar vossas espôsas."

Bendito sejam, pois, Alá e o seu Profeta, que legislou na Arábia, há treze séculos, tantas cousas excelentes para o Brasil!

XLIII

O DIA DE IBRAIM

UM dos dias mais terríveis da história da península ibérica, foi, sem dúvida, aquele em que os reis de Espanha, decretaram, num acesso de ódio místico, a expulsão dos judeus. Pelas ruas de Madrí, a multidão, agitando fachos ameaçadores, cantava, bêbada de vingança:

Eia, judios,
A enfardelar,
El-Rey los manda
Passar la mar!

Os judeus enfardelaram os bens, ensacaram o ouro, e, com êle apertado ao coração, "passaran la mar", indo levar a sua fortuna, a sua atividade, o seu profundo conhecimento da ciência e das artes, à jovem Holanda, acolhedora, próspera e liberal.

Extintos agora no ocidente os ódios de raça, os israelitas de Londres escolheram o 26 de junho para realização da sua festa

nacional. Nesse dia, todos os judeus da Inglaterra abandonarão o trabalho, protestando, assim, convencionalmente, com as armas da inércia, contra as barbaridades de que o seu povo tem sido vítima na Polônia. E, então, Moisés, Esaú, Leví, Abraão, Isaac, Daví e Jacó, trancarão o cofre, experimentarão as portas da frente, e ficarão, imóveis, calculando mentalmente os prejuízos financeiros da sua solidariedade moral.

A Polônia há de se arrepender do que tem feito aos judeus. As violências que os seus naturais têm praticado contra Josué, em Varsóvia, serão pagas a Ibraim, em Londres, no primeiro empréstimo, sob a garantia do piano de Paderewski.

XLIV

TRISTEZAS ATRASADAS

O correspondente da "Agência Havas" em Washington, informando o que foi a visita do Sr. Epitácio Pessoa ao túmulo do fundador da nacionalidade americana, contou, anteontem, em longo telegrama, as particularidades dessa gravíssima cerimônia. Segundo êle, o nosso embaixador penetrou no mausoléu de Cincinato de Mount Vernon, como um muçulmano não entraria, talvez, na mesquita de Meca. E quando quis falar, foi com dificuldade que a língua se lhe pôs em movimento. A sua emoção era tanta, e tão sincera, que só a custo o Sr. Daniels, seu companheiro de excursão, conseguiu arrancá-lo, trêmulo e pálido, daquela pungente aflição dos sentidos...

A morte de George Washington constitue, realmente, uma grande perda para o Brasil. Quando o Sr. Epitácio aquí estava, não lhe passou, jamais, pela cabeça, a idéia de que aquele morto fosse tão grande, nem que fosse tão vasta a sua formidável obra

política. E daí, da sua surpresa, do imprevisto daquela descoberta, o pensamento que teve, com certeza, de voltar-se para o Sr. Daniels, e soluçar, comovido:

— Meus pêsames...

Conta Suetônio nos seus *"Doze Césares"*, que os troianos se haviam esquecido de sentimentar Tibério pela morte de Druso, só o fazendo, por conveniência, um ano depois. Compreendendo a significação daquela lembrança tardia, o imperador ter-se-ia voltado para os emissários, dizendo-lhes, compungido:

— Retribuindo a manifestação do vosso pesar, é com mágoa, troianos, que eu vos apresento a expressão do meu sentimento pela morte de Heitor. Era um dos vossos maiores soldados!

O Sr. Daniels não teve o espírito de Tibério para retribuir a comoção do Sr. Epitácio diante da sepultura de Washington. Se êsse americano fosse hábil, teria, numa gentileza compensadora, derramado uma lágrima comprida, grossa, dolorosa, pelo falecimento de Mem de Sá...

XLV

O CETRO DE FELIPE

O aparelhamento econômico e os recursos militares dos Estados-Unidos, revelados nos campos e cidades da França ensanguentada e faminta, levaram à Europa decadente a convicção da sua senectude inevitável.

E' com a puberdade das filhas que as mães vaidosas se capacitam, geralmente, de que é chegada a velhice. Debalde aparecem as rugas, o reumatismo, a tirania dos cabelos brancos; só depois que a geração dos descendentes se afirma, forte e nova, é que elas se convencem que a sua missão está terminada.

A demonstração dos elementos pacíficos ou guerreiros da América do Norte, apresentando-se completamente armada para a possível conquista do mundo, foi o último golpe terrível no orgulho materno da Inglaterra. O seu dever, hoje, nas festas da Civilização, é ceder o passo aos encantos da filha. A sua hora, que durou séculos, pas-

sou. A sua vaidade, agora, deve consistir, toda, nos triunfos obtidos na terra pelas novas irradiações do seu sangue.

As nacionalidades latinas da Europa têm sido menos razoáveis diante dessa verdade fatal. A França, a Espanha, a Itália e Portugal, não querem reconhecer, como lhes compete, a maioridade dos filhos. A abdicação do pátrio poder, que a fatalidade histórica lhes reclama, continua sem solução. As velhas continuam a ir ao baile e aos torneios guerreiros, disfarçando com os artifícios e com a super-atividade dos nervos as devastações inevitáveis da idade; as filhas, as jovens democracias da América, ficam em casa, como a Borralheira, para não precipitar aos olhos do mundo o triste espetáculo da decadência materna!

Felizmente, vem alvorecendo, já, na França, a convicção dolorosa, mas gloriosa, de que os destinos do mundo passaram, agora, para o domínio da América. Em artigo de anteontem, o *Gaulois* pede à Europa que se conforme com a sentença irrevogável. Os continentes envelhecem, também, como os homens e como os deuses. À civilização prehistórica do Egito, e, conseguintemente, da

África, sucederam o fausto, a glória, a grandeza incontrastável dos impérios asiáticos. Envelhecida a Ásia, pesou sôbre o mundo, até hoje, a onipotência da Europa, que sente, por sua vez, a necessidade terrível de atirar sôbre as águas do Atlântico, num testamento forçado, a vara prestigiosa com que regeu a harmonia da terra.

Essa abdicação era fatal. E Felipe deve morrer feliz, porque deixa o seu cetro, para sua própria glória, à ambição de Alexandre...

XLVI

O DESTINO DOS ÍDOLOS

O grande acontecimento do dia, em Nova-York, foi, anteontem, a derrota de Williard, campeão mundial de *box,* pelo seu patrício Dempsey. Vitorioso em três campeonatos consecutivos, Williard possuía um número incomputável de entusiastas, que apostaram fortunas no aventuroso resultado do encontro. De seu pulso pendia, naquela tarde, o destino de milhares de dólares. O sangue do seu rosto valia o cêntuplo do seu pêso em ouro amoedado. E daí o interêsse com que cincoenta mil americanos correram ao lugar do combate, gesticulando, gritando, protestando, como se a fúria daqueles Horácios e Curiácios se tivesse generalizado nos campos de Alba e de Roma.

A confiança daquela multidão estava, inteira, na manopla de Williard. Os seus triunfos anteriores haviam-lhe conquistado uma enorme côrte de admiradores e discípulos, que penduravam os olhos nos golpes

do seu braço, como se dêles dependessem, naquele momento, a própria glória da América. Em determinado momento, porém, as esperanças foram desfalecendo. Os murros de Dempsey, mais violentos, mais certeiros, sucedem-se, precipitam-se, multiplicam-se. E quando Williard, o herói de momentos antes, o ídolo do comêço da luta, rolou por terra com o rosto ensanguentado, a multidão que o glorificara na véspera, correu para êle com os punhos cerrados, pronta para linchá-lo, bradando:

— Covarde!... Covarde!... Covarde!...

Se o Kaiser houvesse assistido, antes da guerra, a um campeonato de *box* nos Estados-Unidos, teria tido, talvez, uma visão do seu próprio destino. E' sempre a mesma, na terra, a sorte dos ídolos, quando tombam...

XLVII

A PIEDADE DE ALEXANDRE

O Dr. P. A. Denis, adido à embaixada dos Estados-Unidos em Roma, fez uma viagem oficial à Sardenha, de onde regressou alarmado. A população da ilha, embalada pelas águas históricas e fabulosas, retalhadas pela audácia dos primeiros navegadores, vive, hoje, bucòlicamente, como nas épocas de Teócrito e de Virgílio. A dois passos da Itália, berço da civilização nova, e da França, túmulo dos sonhos antigos, vivem os sardos a doce vida dos tempos bíblicos, cortando a terra como os seus antepassados, com a ponta dos seus arados de pau. O fumo das fábricas não lhes tolda a beleza do céu. O grito angustioso das máquinas não interrompe a cantiga maviosa dos pássaros. A vida corre-lhes como aqueles ribeiros do poeta, que choravam, apenas, porque a terra lhes pusera pedras no leito.

Observando a existência rústica daquela gente paralisada no tempo, o Dr. Denis

ficou, segundo confessa, penalizado. E como seja um homem generoso, altruísta, liberal, incapaz de comungar sòzinho o pão da Civilização, pediu ao seu govêrno uma carreira de vapores rápidos, que levasse a esmola da influência americana àqueles doces bárbaros do Mediterrâneo.

O enviado da América não se lembrou, entretanto, que os sardos constituem, hoje, uma tribu daqueles operários previdentes que desceram, cautelosos, as escadas de Babel. Êles já estiveram, um dia, com a sua raça, no píncaro da Civilização. Desiludidos, porém, das vantagens mentirosas que ela lhes oferecia, desceram os degraus que haviam subido, antes que a mão da fatalidade os atirasse de lá, espatifando-os no chão, na violência irreparável da queda.

O que parece, hoje, ao Dr. Denis, atraso injustificável, é aos olhares agudos, progresso prudente. Conta um viajante famoso, que, ao aportar em certo país de bárbaros, onde os homens andavam nus, estes ficaram consternados ao vê-lo arrancar as botinas e as luvas, supondo-o tão frágil que tinha necessidade, ainda, de uma pele artificial. Foi essa, com certeza, a impressão do sardo, ante a civilização do americano. Qual dos dois será, em verdade, mais feliz: Alexandre, na sua ambição, ou Diógenes, na sua renúncia?

XLVIII

NO FRIGIR DOS OVOS...

UM comentador das lendas hebraicas, destaca, entre as tradições mais curiosas do povo de Israel, a história dos ovos fritos.

Certo moço de Jerusalém — diz — cansado de lutar inglòriamente contra as dificuldades da vida, resolveu abandonar a cidade natal, e a partir pelo mundo na doida perseguição da fortuna. Para isso, vendeu quanto possuía, apurando a soma estritamente indispensável à compra de um cavalo. Nem um ceitil lhe ficara, ao menos, para a alimentação na viagem. No momento da partida, era com a tristeza mais escura, mais dolorosa, que êle via os companheiros de caravana comendo e bebendo na estalagem, às portas de Sião. E tanto o seu retraimento impressionou os circunstantes, que o estalajadeiro, sabedor das precárias condições daquele viajante, dêle se condoeu, oferecendo-lhe um ligeira refeição de ovos

fritos, que o moço pagaria quando voltasse a Jerusalém.

— E se eu não voltar mais? — observou o rapaz.

— Não importa. Se regressares, pagar-me-ás com juros; se, porém, não voltares mais, considero liquidada a tua dívida para comigo.

O moço ganhou os desertos da Arábia, percorreu as cidades que ficam à margem do Eufrates e aquelas que dormem à beira do mar, e voltou, anos depois, aos muros de Sião. Sabedor do seu regresso, e da sua opulência, o estalajadeiro correu a procurá-lo, apresentando-lhe uma conta fabulosa, em que se amontoavam uns juros atordoantes. O devedor, espantado com aquele exagêro, recusou-se a pagar, indo o caso, então, ao juiz da cidade, perante o qual o credor, com uma gravidade de judeu, justificou a ferocidade daquele débito:

— Se eu não desse os ovos que êste homem, quando moço, comeu, eu os teria deitado, e nasceriam duas galinhas. Essas galinhas poriam outros ovos, de que sairiam outras aves, as quais, multiplicadas até hoje, e agora vendidas, dariam a importância, exatamente, desta conta que eu lhe cobrei.

O estadista português Sr. Afonso Costa fez, há poucos dias, no Conselho dos Aliados, uma conta desta ordem, para demonstrar a eficiência da intervenção de Portugal na guerra, e a superioridade do seu esfôrço em relação ao nosso:

— Se Portugal não tivesse entrado na guerra, o setor que lhe foi confiado teria ficado desguarnecido. O inimigo passaria por aí e subjugaria a França. Da França passaria à Inglaterra. Logo quem salvou a Inglaterra, impedindo que ela fosse invadida, foi Portugal!

Os aliados não quiseram, porém, pagar os ovos do eminente estalajadeiro. E êle não tem outro remédio, agora, que não êste: fechar o coração à piedade e não vender mais fiado a ninguém!

XLIX

ALBERTO FARIA

PERTENCE desde ontem, com todos os sacramentos regimentais, à Academia Brasileira de Letras, Alberto Faria, o erudito pesquisador das *Aérides*.

Alberto Faria vai representar na imortalidade acadêmica o papel que faltava, no momento, ao conjunto da companhia: o de escritor profundo e sintético, incumbido de adquirir por longe, nos mais remotos depositórios da sabedoria humana, a matéria prima, e preciosa, destinada, aquí fora, ao triunfo econômico das manufaturas alheias.

Há um conto popular do ocidente europeu, em que certa criança, perseguida por um gigante antropófago, recebe das fadas, de que é protegida, uma pedra, um ramo de árvore e uma bilha dágua. Fatigada de correr, e na iminência de ser alcançada pelo bruto, a menina atira para trás, num gesto rápido, a pequenina pedra prestigiosa. E de pronto ergue-se, entre ela e o seu perseguidor, verde, áspera, imensa, uma

grande montanha impraticável, que lhe permite fugir, distanciando-se do monstro. Êste consegue, porém, vencer o obstáculo, e precipita-se de novo pelo caminho, atroando os ares com o grito do seu ódio e vencendo a terra com o quilômetro das suas pernas. E vai estender os braços para deter a presa inerme, quando esta, lançando entre os dois o minúsculo ramo de árvore, faz altear-se, detendo-o, uma floresta impenetrável, onde uivam as feras, cantam os pássaros e coleam, remexendo-se no folhedo, as estrias fugitivas das víboras. O gigante é, entretanto, poderoso com as fadas e, arrancando os carvalhos, arrebatando os pinheiros, esgalhando os baobás, destrói a floresta. A criança, então, quebra no rochedo da estrada a pequena bilha maravilhosa, cuja água, multiplicando-se, derramando-se, rugindo, rolando, estabelece, entre ela e o inimigo, a vastidão invencível do mar...

A obra de Alberto Faria recorda o tesouro encantado dessa criança fugitiva. Cada um dos seus artigos, se êle o quisesse, daria um grande livro, como a bilha dágua do conto produziu, quando a dona o

quis, a imensidade do oceano. Que êle é, sobretudo, um formidável condensador de leituras, de sabedoria, de conhecimentos profundíssimos. Se Deus o tivesse incumbido de fabricar o universo, êle o teria feito, sem dúvida, com todas as suas maravilhas atuais. Mas, em compensação, o universo caberia, hoje, na sua caixa de fósforos...

L

A ALEGRIA DOS HERÓIS

VENCIDA a arrogância de Dario, marchava Alexandre sôbre Persépolis, quando lhe saíram ao encontro algumas centenas de velhos combatentes, que iam render homenagem ao vencedor. Eram antigos soldados aprisionados pelos persas, e a quem Dario, e os seus antecessores, haviam cortado os lábios e os narizes, tornando-os horripilantes. Apiedado de tanto infortúnio, perguntou-lhes o filho de Felipe se êles queriam voltar aos seus lares, aos seus países de origem, para morrerem confortados. Todos, porém, com um gesto único, a isso se opuseram, preferindo ficar na mesma terra do cativeiro, unidos pela mesma infelicidade, porque, ao menos, assim, não poderiam zombar uns dos outros...

Os heróicos mutilados da última guerra não têm, como os anciãos de Persépolis, o pudor das cicatrizes gloriosas. E aí está, como prova dolorosa, a festa comemo-

rativa da paz, realizada em París, da qual dão notícia, agora, telegràficamente, os correspondentes americanos. Pelas informações desta fonte, os festejos parisienses foram delirantes e macabros. O povo, apinhado no Boulevard, dansava doidamente, pulando, gritando, cantando. E o que predominava nesse tumulto de rumores e movimentos, eram os heróis da fronteira, os mutilados de Verdun e da Champagne, que traziam, ainda, no corpo, as compressas documentais da bravura. Homens jovens, pálidos e emagrecidos, pelos ferimentos de ontem, apertavam a cintura frágil das "midinettes" com o seu pulso de ferro e a sua mão de madeira, pondo em contacto inútil o calor da carne moça com a impassibilidade da matéria inerte. Aquí e alí, careteando, como se risse, irônico, da sua própria desgraça, era um rosto desfigurado por um estilhaço de obuz, uma bôca rasgada por baionetas, uma fisionomia de tragédia grega, um conjunto, enfim, de restos humanos, salvos por milagre aos horrores de uma catástrofe. E toda essa gente ria, aplaudia, fazendo soar, nos ares, as palmas surdas, vibradas por mãos de bor-

racha, e, no solo, o batuque monótono de centenas de pernas de pau!

A metade daqueles corpos estava já no domínio da morte, onde jaziam os seus membros decepados. A outra parte, à superfície da terra, glorificava, em delírio, a horrível beleza da vida!...

LI

AS RÃS DE AUGUSTO

JUSTIFICANDO as lendas religiosas do mundo antigo, dizia Montesquieu que a Natureza se comovia até os fundamentos toda a vez que tinha de lançar ao tumulto da vida a larva de um homem ilustre. E daí os fenômenos que assinalavam na História o nascimento das crianças predestinadas.

Escolhido, como os deuses, para influir nos destinos da terra, teve Augusto, na infância, o anúncio da sua onipotência futura, por um milagre simples, que Suetônio registra. Frágil e tímido, não podia o pequeno Caio Júlio conciliar o sono, em virtude do barulho contínuo, infernal, que faziam as rãs, em um pântano largo, nas proximidades da casa de Otávio. Indignado com aquela insolência dos batráquios, o futuro instituidor do império romano levantou, uma noite, a mão pequenina, e ordenou, num gesto suave, que as rãs se calassem. E o pântano todo, como por encanto,

emudeceu... Passaram-se, porém, os anos. De regresso da Espanha, onde fôra em busca de César, o neto problemático dos Tarquínios volta à casa paterna, onde as rãs coaxavam de novo. E mandou que os batráquios se calassem. E as rãs desobedientes, não se calaram mais...

A imprensa constitue, atualmente, no Brasil, o pântano onde martelam monòtonamente os batráquios anônimos da opinião. Os governos, quando, na sua infância festiva, mandam que os jornais se calem, as rãs, pacíficas, obedecem. Assim, porém, que os quadriênios presidenciais atingem o ponto cronológico da vida em que se tomba ràpidamente para o crepúsculo, não há mais milagres, nem ordens prestigiosas, que emudeçam as rãs!

O govêrno atual está, ainda, no seu berço de ouro, embalado pelo silêncio respeitoso do pântano. Augusto não quererá dormir?

LII

OS NOVOS FANÁTICOS

EM certa colônia espanhola da América viveu, há três séculos, um padre virtuosíssimo, que era tido, pela sua experiência e pela sua bondade, como santo e como bruxo. Precursor de Sherlock Holmes, êle descobria, pelos gestos, pelos olhos, pela anormalidade das maneiras, o que ia na alma dos homens e, melhor, na alma das mulheres. O que o tornou, porém, particularmente célebre, foi o seu hábito de assumir, pessoalmente, a responsabilidade das penitências, rezando, de joelhos, êle próprio, os rosários que ministrava, enérgico, para punição dos pecados alheios. Uma tarde, ao retirar-se da igreja, notou o velho sacerdote que uma devota alí estava ajoelhada, orando, desde o alvorecer.

— Diga-me, hermana, — perguntou-lhe — falta todavia mucho que rezar?

— Si, padre; me faltam cuatro misterios del rosario y la letania.

— Pues yo rezaré por usted; y larguese á su casa que en ella está haciendo falta!

Um velho observador dos nossos movimentos operários notou, certa vez, com a agudeza característica dos homens de negócio, que cinco por cento dos operários de fábrica têm abandonado o trabalho, nestes últimos tempos, arrastados pela correnteza tormentosa do seu ideal, isto é, para se tornarem oradores de "meetings", "leaders" de movimentos, esclarecedores da multidão. Atirado à voragem, o operário está irremediàvelmente perdido. A sua máquina paralisa-se, a fome entra no seu lar, a miséria arrebata-lhe os filhos; mas êle fica na praça pública, faminto, rôto, sujo, embriagando-se com os próprios argumentos, iludindo-se com as próprias idéias!

Êsses idealistas representam, aí, o papel simpático, mas doloroso, das beatas da anedota espanhola. Não poderiam os homens públicos tomar, entretanto, à sua conta o rosário dêsses fanáticos da religião nova,

assumindo a responsabilidade da penitência que lhes deram, isto, é, pensando e agindo por êles, para que êles voltem, de novo, ao trabalho, à máquina, à oficina, limpos de coração... e de dinheiro?

LIII

O MUNDO INTERIOR

CATULO da Paixão Cearense tem sido acusado de exageros e falhas na sua poesia sertaneja. Os que lhe apontam defeitos, não conhecem, entretanto, o sertão: são críticos da cidade, que viajaram no dorso dos livros, na garupa de terceiros, e aos quais não cabe, conseguintemente, o direito de objurgatória.

Eu me prezo de conhecer as sertanias do norte, e admiro em Catulo, exatamente, a veracidade das paisagens, e a maestria com que êle surpreendeu os aspectos heróicos da psicologia do sertanejo. E o que mais me espanta, é saber que o poeta não conhece as regiões que nos descreve, e que é movido, nessas descrições, por uma noção instintiva, toda interior, que êle tem desde criança, dessas terras de encantamento. Seu pai, êste, sim, era de uma zona pastoril do nordeste brasileiro; e é dêle, com certeza, que Catulo herdou tintas

com que nos mostra, ao vivo, nas cidades, a beleza do seu sertão.

Conversando, uma vez, com Olavo Bilac, sôbre os recursos misteriosos da imaginação, êle me contou que nutria uma aversão invencível pela floresta, e que não penetrara, sequer, jamais, os domésticos matagais da Tijuca; o seu espírito possuía, entretanto, uma noção tão perfeita da selva, que já a havia descrito uma dezena de vezes entre os gabos de mais de um bandeirante, como se a sua alma andasse, à noite, durante o seu sono, a cortar o Amazonas ou as ásperas planícies de Mato-Grosso.

O indivíduo que enriquece o espírito com emoções profundas, guarda em si mesmo, sem o saber, um tesouro para os filhos. Cada gota de sangue é uma chapa fotográfica, tênue ou nítida, que transporta um mundo de paisagens e sentimentos; e daí a intuição instintiva, quasi inconciente, que temos de certos problemas, cuja solução não encontraríamos, talvez, por nós mesmos, de olhos abertos.

Eu conhecí em uma longínqua cidade do norte, no Piauí, uma senhora que me

deu um símbolo dêsses curiosos fenômenos da memória. Dona Florinda, — que êste era o seu nome, — cegara aos vinte e cinco anos, e, por êsse tempo, já possuía sobrinhos pequeninos, filhos de uma irmã que a amparou na sua escura infelicidade. Trinta anos depois a família era enorme, composta de damas e cavalheiros fraternalmente unidos, que a desventurada ceguinha distinguia, apenas, mas perfeitamente, pelo variado timbre da voz e pelo invariável rumorejo dos passos. Ninguém atravessava a sala de jantar, onde se encolhia com os olhos mergulhados na treva do futuro e nas claridades do passado, sem que ela lhe declinasse o nome, de pronto, e com segurança absoluta. Um dia, porém, apareceu na terra, trazendo a ciência na cabeça e nas malas, um oculista do Maranhão, e, com uma operação feliz, restituiu a vista a Dona Florinda. Ao lhe ser tirada a venda, os parentes, todos, agrupavam-se em tôrno da doente, mudos, aflitos, ansiosos pelo resultado definitivo da intervenção; e quando a velhinha viu todo aquele povo, sentiu-se como exilada, atirada em outra terra, lançada, sùbitamente, e como

num sonho, ao seio de outra família. E perguntava, angustiada: — Quem é esta? — Zilda! — respondiam-lhe. — E esta? — Zulmira! — E aquele? — Mário! — E aquele? — Júlio! — E, para acreditar, Dona Florinda, chorando, fechava novamente os olhos ressuscitados, e pedia que os sobrinhos falassem, ou andassem, para identificá-los pela voz ou pelas passadas...

Nós, os que escrevemos, somos como essa velhinha do Piauí: guiamo-nos mais pela nitidez das vozes interiores do que pelo vago testemunho da vista. E essas vozes, que são o eco das impressões dos nossos antepassados, são mais verdadeiras, às vezes, do que a impressão direta dos olhos...

LIV

O TESOURO

O *Uruguai*, o forte poema de nosso José Basílio da Gama, dá-nos notícia do luxo, da opulência, do confôrto verdadeiramente europeu que desfrutavam os jesuítas, no território das Missões. Que destino tiveram, depois, essas riquezas? Aonde teriam ido parar, após as perseguições de Pombal, tantos tesouros acumulados?

O povo dessas regiões brasileiras, menos dado a cogitações insolúveis, criou, para satisfação da própria curiosidade, o confre de uma pequena lenda, em que encerrou, para consôlo íntimo, a flor da sua esperança. Segundo essa legenda, existe nas matas que marginam o Uruguai uma pequena cidade, cujas casas não têm janelas nem portas. Êsse lugar está, porém, inteiramente isolado. Para ir ter alí, os padres construíram um subterrâneo, que, depois, destruíram. E assim ficaram no seio da selva, sem guardas nem defesa, ao al-

cance de qualquer mão conduzida pelo acaso, êsses tesouros maravilhosos e atordoantes, — para chegar aos quais, entretanto, ninguém, até hoje, descobriu o caminho...

*

* *

Felicidade! tu és êsse tesouro fabuloso do sonho dos humildes, a dormir eternamente nas selvas do Mistério, no fim de um caminho obstruído...

LV

A MODÉSTIA PORTUGUESA

UM dos contos mais vivos e soberbos da literatura histórica de Júlio Dantas é, sem dúvida, o dos "Doutores de Portugal". Na igreja de S. Petrônio, em Bolonha, reunidos em concílio, iam medir-se os dois oceanos de ambições pontifícias, separados, de súbito, pelo esquife de Martinho V. A favor de Eugênio IV, que se firmava nas disciplinas canônicas secularmente consagradas, apresentavam-se no templo centenas de bispos e deões, convocados de terras longínquas e exóticas para defesa da legítima autoridade católica. Os rebeldes de Milão possuíam um delegado, apenas; mas êste era Nicolau de Cusa, conhecedor incontrastável dos cânones, e proclamado, "urbi et orbe", uma glória da cátedra e do púlpito entre os mais famosos do século.

Cedida a palavra ao apóstata da legislação canônica, êste lançou sôbre o au-

ditório, manietando-o, os liames da sua dialética formidável. E quando a sua voz emudeceu, e os seus olhos passearam, desafiadores, pelo bojo da grande fábrica silenciosa, ninguém se movera. A vitória do seu talento oratório havia sido fulminante!

De repente, porém, atravessou a nave o arcabouço de um octogenário. Não era um homem; era a múmia da própria igreja vencida! E, do púlpito, começou Diegafonso Margaancha, um português, a falar. E à medida que falava, transfigurava-se. E tal foi o milagre da sua eloquência, o prestígio dos seus argumentos, a fôrça da sua palavra, que, uma hora depois, confessada a capitulação do rebelde, perguntava um cardeal, espantado:

— E', então, êste o maior doutor que têm os portugueses?

Ao que, aumentando o assombro geral, D. Antão, bispo do Pôrto, que se achava próximo, respondeu, num assomo de orgulho:

— Dom Cardeal, não. Os melhores doutores portugueses ficaram em Portugal!

Está no Rio de Janeiro, atualmente, uma grande missão artística, procedente de Lisboa. Terá ela trazido na bagagem, para realce do seu mérito, a orgulhosa modéstia de D. Antão?

LVI

OS CAMELOS DO REI

"O Sr. Nitti, primeiro ministro do reino, entregou à nação, como presente do rei, diversos castelos e palácios, equivalentes à metade dos bens da coroa."

Telegrama de Roma

SÔBRE um elefante ajaezado, em cujo dorso faiscavam, como um firmamento carregado de estrêlas, as finas malhas de ouro semeadas de pedrarias, o rei Almenazar atravessava o Deserto, a caminho do Egito. Compondo o seu séquito diminuto, mas rutilante, seguiam-no os antigos ministros do seu reino, que evitavam, abandonando a terra da pátria, um choque violento com a onda invasora dos árabes. Atrás, fechando a marcha, balançavam-se, como navios no oceano, sessenta camelos carregados de riquezas maravilhosas, acumuladas durante séculos, ora pela parcimônia, ora pelo espírito de conquista dos gloriosos antepassados da dinastia.

Uma tarde, porém, viu-se no horizonte, toldando as últimas claridades do dia moribundo, uma nuvem de poeira, que se ia avolumando. Era um dos batedores do rei que lhe vinha anunciar, sufocado, a aproximação de um inimigo imprevisto. Para além das hamadas que amamentavam o sol, rugia uma tribu de bárbaros. Eram milhares de beduínos esfarrapados, que acorriam de todos os cantos do Deserto, onde haviam bebido à sombra das tamareiras o leite espumante das leoas. Dos seus ombros, em que se viam cicatrizes monstruosas, de martírios seculares, pendiam, com as garras e os dentes, as peles dos tigres subjugados. Atrás dêles, nos areais como nos oasis, ardiam os impérios destruídos. Bassora, Benares, Bagdá, tinham sido pilhadas e incendiadas. A Índia, a Arábia e a Pérsia, estavam transformadas, àquela hora, num único oceano de fogo. Insistir na viagem, era, pois, marchar para a morte!

À notícia trazida pelo mensageiro, a caravana tremeu. Onde encontrar agasalho, naquele areal, se aparecia pela frente o inimigo de que se fugia? Como atravessar com humildade o acampamento da mi-

séria vitoriosa, se marchava na caravana a opulência dos tesouros reais? Em tôrno do elefante do rei, cofiando a barba, amarrotando o albornoz, oscilando sôbre os camelos, os conselheiros meditavam, quando o monarca, num gesto a que a História emprestou a eternidade da justiça, chamou o primeiro ministro:

— Nittikoris!

O valido curvou-se em uma grande reverência sôbre o dromedário que lhe coubera, e o soberano indagou:

— Quantos camelos carregados de ouro temos na caravana?

— Sessenta, meu senhor!

— Pois, esta noite mesmo, partireis adiante da comitiva. Ide ter com os árabes que nos ameaçam, e entregai-lhes, em meu nome, trinta camelos, com a sua carga preciosa. Dizei-lhes que a minha munificência não se esqueceu da sua bravura, e que eu mando a metade dos meus bens como demonstração da minha solidariedade.

E de si consigo, acrescentou:

— E' preferível dar-lhes os trinta, a vê-los ficar, à fôrça, com os sessenta...

No dia seguinte, ao pôr do sol, o rei Almenazar passava, com os trinta camelos restantes, por diante dos oasis de Romanzuillah, de onde o saudavam, agitando os alfanges, as hostes desorganizadas dos bárbaros...

LVII

A DENÚNCIA DOS GROUS

JÁ por duas vezes, os assassinos, desconfiados da indiscreção da terra, lançaram à Guanabara o corpo das vítimas. Para maior segurança do mistério, o primeiro, como o segundo, amarrou uma pedra ao cadáver, para que êle se afundasse eternamente nas águas. A baía impugnou, porém, a sua condição de cemitério, trazendo os mortos à superfície das vagas, para denunciarem os criminosos, clamando vingança.

Não há muitos anos, o solo, que não rejeita as sementes da planta mais humilde e rasteira, recusou, também, os restos de um homem clandestinamente sepultado. Morto a pauladas, em um dos morros que emolduram de verde a cidade, o mísero havia sido enterrado às pressas pelos assassinos, que pretendiam, assim, esconder os últimos vestígios do crime. Passados dias, porém, começou a sair da terra, com a esca-

vação do terreno pelas garras persistentes da chuva, um punho de homem, convulsamente crispado. E essa mão humana revelou a existência de um túmulo aos transeúntes, guiando a polícia à trágica descoberta do mistério.

Os grous de Ibico hão de gritar, eternamente, onde haja o segrêdo de um crime. Ibico, poeta grego, dirigia-se a Corinto, aonde ia tomar parte nos jogos públicos, quando, nas cercanias da cidade, foi atacado por dois salteadores. Subjugado, pôs-se a gritar por socorro; e como as únicas vozes que lhe chegaram aos ouvidos fossem as de um bando de grous que passava nas alturas, o poeta, confiado nos deuses, levantou os olhos para as aves viajoras, e pediu-lhes, morrendo:

— Já que nenhuma voz me responde neste deserto, sêde, ó grous, testemunhas da minha morte, para que possais denunciar os meus assassinos!

Dias depois, após a descoberta do cadáver mutilado, celebrava-se em Corinto a grande festa de Poseidon, senhor do mar, à qual haviam acorrido, cantando, os maiores poetas da língua. A multidão, em tôrno, enchendo o anfiteatro, regougava e mugia como o Oceano. Antes, porém, dos combates de carro e de canto, ouviu-se, trágico, interpretando as vozes do próprio Destino, o côro profundo e triste das Euménides vingadoras.

E foi nesse instante, quando a Grécia inteira, alí aglomerada, mergulhava, silenciosa, nos abismos da conciência, que se ouviu sôbre o circo, muito alto, um bando de grous. Um dos estrangeiros presentes, descobrindo-os no céu, empalideceu, de repente; e voltando-se para um companheiro, soluçou, apavorado:

— Olha, olha, Timóteo! são os grous de Ibico!

Êsse grito de pavor, naquele instante de angústia silenciosa, foi uma denúncia. Presos pela multidão, os assassinos confessaram o crime, e foram punidos. Os grous tinham cumprido, assim, do silêncio das nuvens, a última súplica do poeta...

Êsse poema da fatalidade, que constitue, com as imagens que aí ficam, um dos grandes cantos de Schiller, transmite aos homens, em um fato, a eterna ameaça da Providência. O crime é como a arca de Noé

sôbre as águas: quanto mais se o procura afogar com o dilúvio da treva e do mistério, mais êle se ergue da terra, flutuante, aproximando-se dos olhos de Deus...

LVIII

VERIDIANO

NAS vizinhanças da minha casa havia um velho de nome Veridiano, operário honesto e paupérrimo, cuja maior ambição, até à morte, era vestir um dominó, um costume de Pierrot, uma fantasia extravagante, em suma, no último dia de Carnaval. As suas condições financeiras eram, porém, tão precárias, que o dia sagrado se escoava entre barulho de guizos e esguichos de bisnaga, sem que êle pudesse adquirir a desejada vestimenta carnavalesca. Na quarta-feira de Cinzas realizava êle, enfim, o seu sonho. E' que um folião do bairro, conhecendo-lhe a mania, lhe vendia o dominó sem utilidade, recebendo, em troca, a roupa de riscado com que o velho ia diàriamente ao trabalho. E como o Carnaval tinha passado, o honrado operário ficava em casa, despido, mas abraçado, com orgulho, e com fome, àquela fantasia fora de uso!

Notícias de ontem, divulgadas pela imprensa, informam que o Brasil vai entregar à França os navios que lhe havia arrendado, recebendo, em paga, no regime da Liga das Nações, uma parte da artilharia que aquele país utilizara na guerra.

Aonde vais tu, Veridiano, assim, na quarta-feira de Cinzas, com a tua roupa de Carnaval?

LIX

O OURO DE MITRIDATES

QUANDO os romanos conheceram o ouro, dando-lhe o valor de elemento intermediário nas transações, a avareza nasceu, neles, furiosa, tremenda, insopitável. *Nec paulatim exarsit rabie quadam,* — diz Plínio, — *non jam avaritia, sed fames auri.* Não foi aos poetas, porém, ou, mesmo, aos historiadores latinos, que coube o destino de perpetuar num símbolo o castigo dessa fome de ouro: imortalizou-a, antes dêles, um bárbaro, na glória da liberdade, com o horror da sua indignação.

Encurralado no seu império do Ponto, ora por Pompeu, ora por Luculo, ora pelas legiões infatigáveis de Sila, vagava pelas florestas e montanhas sòzinho, Mitridates, o maior inimigo da grandeza romana. Mastigando pelos montes as ervas venenosas; subjugando com os braços de ferro o tigre das selvas, o urso dos vales, o lobo dos outeiros; apanhando com a mão espalmada as serpentes mais terríveis para lhes

provar a peçonha, — percorria o monarca selvagem, fera entre as feras, réptil entre os répteis — a vastidão misteriosa dos seus domínios.

Que pretendiam dêle os romanos, senhores da terra conhecida? Não lhes bastavam a África tórrida, a Grécia erudita, as Gálias soberbas e a Germânia friorenta? Para que desejavam as suas florestas sem tôrres, as grandes águias de Roma, se eram seu pouso, já, as mais fragorosas montanhas do mundo? O contacto com os prisioneiros do ocidente acordou-lhe, porém, o raciocínio adormecido: Roma queria revolver o intestino das suas montanhas, o estômago dos seus valados, o coração das suas florestas, à procura de ouro com que satisfizesse, na metrópole, a vaidade das suas mulheres, a opulência dos seus imperadores, a lascívia dos seus generais!

E sorrindo à solidão verde, ameaçando com o punho hercúleo as penedias que lhe assinalavam os limites do império, jurou Mitridates aos seus deuses, tão bárbaros como êle, que mataria, enfim, a sêde de ouro de Roma.

Êsse dia não tardou. Acampava, uma tarde, o general Aquílio Mário Nepos à margem de um rio profundo, quando se ouviu ao longe o tropel de cavalaria dos bárbaros. Era Mitridates com os seus guerreiros. Debalde o vencedor de Aténion empregou, para detê-lo à distância, a tática militar que o fizera vencedor na Sicília! Debalde as suas legiões fatigadas, vestidas de pele e de púrpura, construíram, num movimento rápido, uma inexpugnável barreira de lanças: os cavaleiros selvagens levaram de roldão a imensa muralha eriçada, indo deter-se diante da tenda de Aquílio, que é feito prisioneiro e arrastado, como um bicho, para a verde prisão das montanhas.

Isolado o general do seu exército destruído, sofreu, nele, o orgulho romano, os ultrajes mais ferozes a que fôra até então submetido. Encerrado em uma jaula, como um tigre, padeceu o antigo cliente de Marco Antônio as mais angustiosas humilhações. Mostrando os dentes verdes de limo e de ódio, os soldados vencedores introduziam as flechas pelas grades da jaula, espetando-o, ferindo-o, maltratando-o. E fe-

rido, espetado, maltratado, foi Aquílio conduzido, enfim, à presença de Mitridates.

— Que pretende da minha humildade, — perguntou o bárbaro, — a grandeza dos teus imperadores?

— A glória de vencer-te! — respondeu o romano.

— Mentes! — tornou Mitridates. — O que te trouxe à Ásia, como aos teus antecessores, foi a notícia do meu ouro, a lenda da minha riqueza, a fábula da minha opulência. Pois, bem; não morrerás sem ter provado, antes, o ouro de Mitridates!

E ordenando a dois soldados que se aproximassem com um vaso de barro, cheio de ouro fervente, fê-lo derramar, fumegante, borbulhante, pela bôca ensanguentada do general!

A ciência da leitura representa, na cultura geral, o papel que exerce, na elegância mundana, a arte de bem vestir. A sobriedade na aquisição de conhecimentos é uma condição indispensável à sua utilidade na vida. Os devoradores de idéias de-

vem ser parcimoniosos na ingestão, e, ainda mais, no emprêgo das verdades adquiridas. Cada espírito, cada inteligência, cada organização mental, há de tomar a sua carga de leituras de acôrdo com a sua capacidade para compreendê-las.

A fome de saber é para certas almas o que era, outrora, a fome de ouro para os romanos. O ouro da sabedoria, que orna o espírito, pode, como o de Aquílio Mário, matar o coração...

LX

A DÚVIDA DOS APÍCIOS

PARA que a carne do perú se torne tenra é costume das cozinheiras ministrar à vítima, antes de sacrificá-la, uma dose mais ou menos elevada de paratí, ou de outra bebida alcoólica, que a embebede. Nesse estado, o estúpido galináceo não só se deixa matar sem protesto, como se torna mais adaptável aos estatutos culinários de Apício, restaurados no último século pelo gênio gastronômico de Brillat-Savarin.

Nem todas as doutoras em forno e fogão conhecem, entretanto, essa particularidade do seu ofício. E daí o desastre daquela que, em um dia de festa doméstica, perguntava, indecisa, à dona da casa:

— Iáiá, a gente embebeda o perú antes de matar, ou depois de morto?

E' uma consulta igual que se estão fazendo, neste momento, os constitucionalistas italianos, em tôrno do assunto curioso

a que se referia, anteontem, êsse telegrama da Associated Press:

> ROMA, 23 (A. P.) — Ambas as cidades de Nápoles e Turim elegeram o socialista Misiano, que era antigamente operário ferroviário e que foi demitido no período da declaração de guerra, quando então fugiu para a Suíça, afim de não servir no exército. Expulso da Suíça, foi êle para a Alemanha, onde foi preso durante um mês, por ter tomado parte em vários movimentos revolucionários, e agora está em Viena. A côrte marcial italiana, durante a guerra, condenou-o à morte por deserção e agora discute-se se êle pode ser preso ou se, devido à eleição, está em gôzo de imunidades antes de prestar o juramento.

Há dias, esteve a França nas mesmas dificuldades, a propósito do capitão Sadoul, que se apresentara candidato à deputação depois de condenado à morte. Clemenceau foi, porém, mais prudente: condenou o pretendente, para não indultar o deputado. E Sadoul, que desejava a urna eleitoral, teve que se contentar, alí, com a urna funerária.

Na Itália, porém, que se deve fazer: embebedar o perú antes, ou depois de morto?

Que Misiano merece a confiança do povo, demonstrou-o êste, elegendo-o por duas cidades. Os interêsses da Justiça não podem, porém, ser preteridos pelos interêsses do povo. E, nesse caso, há um remédio, que a minha humildade sugere: enforcar Misiano, e levá-lo à Câmara, para tomar posse, — à imitação

> ... da mísera e mesquinha
> Que depois de ser morta, foi rainha!

LXI

COMO SE FEZ A REPÚBLICA

O sr. general Serzedelo Correia está publicando, há dias, no *Correio da Manhã,* as suas reminiscências da alvorada republicana, em que procura deixar em destaque, entre clarões de apoteose, a figura de Floriano Peixoto. E a impressão que se tem, ao ler essas espantosas revelações, é que o marechal de Ferro se vai apeando, aos poucos, da sua estátua, para correr, de espada em punho, atrás do sr. general Serzedelo Correia.

A restauração, ontem, dos episódios ocorridos a 15 de novembro, em que aparecem Deodoro, Floriano e o Visconde de Ouro-Preto, constitue um dos documentos mais graves, mais tristes, mais comprometedores, de que se podia lançar mão para prejudicar os instituidores do novo regime.

Vejamos, por exemplo, um dêsses quadros históricos desenhados pelo sr. general Serzedelo. A cena desenrola-se no campo de Santana, em frente ao quartel-gene-

ral, onde se aglomeram oficiais indecisos à frente de tropas bestificadas:

"O barão do Rio-Apa armou-se e foi assumir o comando da fôrça.

Chegando defronte da primeira companhia de guerra do 7.º, disse:

— Ombro, armas!...

Os soldados obedeceram.

Ferraz deu um passo à frente, e disse:

— Senhor general, quem comanda essa fôrça sou eu. Primeira companhia de guerra, descansar, armas!...

Os soldados obedeceram.

Rio-Apa, alarmado, subiu e foi queixar-se a Floriano. Êste em vez de descer e prender o oficial, bateu no ombro de Rio-Apa, e disse-lhe:

— Meu camarada, fique por aquí. Isso está tudo minado".

Pouco depois, Ouro-Preto, dirigindo-se com Floriano para a janela, perguntou-lhe por que não se começava o fogo.

— Deodoro tem artilharia, disse Floriano, e em cinco minutos arrasa isto tudo.

— No Paraguai tomava-se artilharia com infantaria. Só se aquela não se pode

tomar porque está comandada por um general valente.

— Não, disse Floriano, no Paraguai eram inimigos, e aquí são brasileiros.

— Compreendo, disse o Visconde. Mande entrar Deodoro, pois quero entregar-lhe o govêrno e os destinos da Monarquia. Deodoro entrou entre aclamações, e ao enfrentar o Ministério, tendo a seu lado Benjamim Constant, eu, Solon e outros, disse-lhe o Visconde:

— Senhor general, diante do seu ato de violência, não tendo fôrças para resistir, entrego-lhe o poder e os destinos da Monarquia.

— Violência, sim, disse Deodoro, provocada pelos homens da Monarquia, que nunca souberam o que era ser soldado. Se tivesse passado como eu oito dias seguidos, sob o fogo do inimigo, comendo milho crú, nos tratariam de outra forma.

— Por peores que tenham sido as amarguras de V. Ex., não podem ser maiores do que as minhas, nesta hora, ouvindo-o.

— Pois está preso, diz Deodoro.

Floriano, pondo a mão na frente de Deodoro, disse:

— Não, Manuel, isto não é do trato.

— Pois estão soltos, diz Deodoro; podem retirar-se para suas casas.

E estava feita a República!"

A nova geração brasileira tinha dêsses homens que derrubaram a monarquia uma idéia mais favorável. Supunha-os figuras graves, ponderadas, com a conciência das suas responsabilidades, e vê, agora, que se enganou. Não há, realmente, entre tantos homens de coragem, um só que tivesse uma frase sonora, expressiva, profunda, à altura daquele instante. O acontecimento político que se operava não teve um eco sequer, na mentalidade dos seus promotores históricos. E', em todos, a expressão banal, o vocabulário de tarimba, a denúncia, em suma, de um ambiente sem horizonte. Apenas, Ouro-Preto, traído e vencido, conserva na gravidade da figura e na energia da palavra, a dignidade da situação!

O trono dos Braganças, abalado pelas baionetas, esmagou, ao ruir, nos jardins da política brasileira, as últimas flores da inteligência...

LXII

A CABEÇA DE SÍMACO

DOMINANDO o mundo, quasi inteiro, com a sua coroa resplandecente de pedraria, Teodorico II, o Grande, tornara-se, com a sua inteligência de bárbaro, o centro da terra conhecida. Analfabeto embora, e assinando com um golpe de estilete os documentos mais importantes do império, Roma não conhecera, desde os Antoninos, uma conciência mais reta, um espírito mais alto, uma inteligência mais aguda. Sob o seu cetro as artes floresceram, as fronteiras dilataram-se, as indústrias, mesmo rudimentares, prosperaram. O mundo era feliz sob o seu jugo, e a paz, como nos tempos bucólicos de Tibulo, amolecia os homens e amadurecia, com a bênção dos deuses, os grandes cachos das uvas.

Isso não obstou, entretanto, que se formasse contra êle, aspirando à independência da Itália, uma conspiração sem raízes. E como a chefiassem Boécio e Símaco, senadores e magistrados do império, ordenou

Teodorico, na sua sabedoria, que se os enforcassem em Ravena, onde o último sofreu, efetivamente, o mais humilhante dos suplícios.

O bárbaro ficava condenado a pagar, no entanto, com a paz da conciência, a influência que sofrera, da mentalidade latina. O remorso pela prática fiel da justiça, ia, agora, perseguí-lo. Certo dia, à mesa, festejava o imperador um grande acontecimento, quando lhe serviram um peixe, com a respectiva cabeça. O monarca poderoso ia cortá-lo, quando recuou, espavorido. E' que o pescado se apresentava, aos seus olhos, ensanguentado, e com uma cabeça humana, que era a cabeça de Símaco!

Clemenceau, o novo Teodorico sem império, continua, na sua intolerância, a exigir a cabeça do Kaiser. O céu permita, no entanto, que êle possa, depois, comer tranquilamente o seu peixe...

LXIII

A FELICIDADE

"Poderoso caballero
Es don dinero!

E' com essa reflexão aparentemente verdadeira que Francisco de Quevedo inicia uma das suas graciosas "letrillas saticas". Testemunha das conquistas dêsse perigoso paladino sem armas, pergunta o poeta, de olhos estendidos sôbre a aterradora podridão do seu tempo:

"Quién hace al tuerto galan,
Y prudente al sin consejo?
Quién al avariento viejo
Le sirve de rio Jordan?
Quién hace de piedras pan
Sin ser el Dios verdadeiro?

E êle próprio responde:

"Es don dinero..."

Mas, com todo o seu dom de milagres, dará o dinheiro felicidade àqueles que se não julgam felizes?

Quando Cristo, consultado maliciosamente pelos fariseus, lhes disse que dessem a César a moeda em que houvesse o cunho de César, legou o mais piedoso dos ensinamentos aos futuros argonautas da Felicidade. Esta, não obstante o seu tênue reflexo entre as frágeis cousas terrenas, é uma das pedras mais puras dos luminosos tesouros do céu. E' Deus quem a dá e, como todos os bens do céu, só se adquire com a moeda em que houver a efígie de Deus...

Um jornalista carioca revelava, há dias, entre o noticiário anônimo de um vespertino, o espetáculo de pobreza, de miséria impressionante, que deparara em um agreste desvão de montanha, nas proximidades de Cascadura. Era um albergue de esteiras, de um metro de altura, aonde os moradores penetravam de ventre na terra, como os vermes. Lá dentro cabiam apenas três sêres: um homem, uma mulher, e um cão.

— De que vivem vocês? — perguntou o jornalista à mulher.

— De frutas podres, que meu marido apanha nos monturos.

— E és feliz?

— Sim; sou, porque vivo com êle...

Era alí, naquele refúgio da necessidade, sob aquelas esteiras seteadas de sol e guntejantes de chuva, que se abrigava, no mundo, a felicidade! Nos contos maravilhosos, ouve-se, às vezes, uma suave pancada à porta de uma choupana sem fogo. E' uma velhinha esfarrapada e tiritante que pede agasalho por uma noite. A jovem camponesa compadecida acolhe a viajora sem nome, e, na manhã seguinte, à despedida, esta lhe deixa nas mãos uma vareta prestigiosa, que lhe abrirá, a um gesto, a porta de ouro de um grande palácio encantado...

O amor é a fada benigna dos humildes. E' o seu sôpro que doura os andrajos e faz rebentar a fragilidade do musgo sôbre a misteriosa impassibilidade da pedra. Só êle, na sua passagem tímida ou tormentosa, pode forçar as pesadas portas de bronze do castelo da Ilusão, onde erra, ondeante, vago, fugitivo, o fantasma da felicidade...

O filho de Napoleão, meditando na dourada miséria paterna, pergunta ao cavaleiro de Prokesch, no *Aiglon*, de Rostand:

...qui sait, après tout, s'il est plus important
de conquerir le monde ou d'aimer un instant?

Que valem, em verdade, glória e tesouros, tronos e palácios, impérios sem têrmo e maravilhas sem conta, se tudo isso assenta, como cousa maldita, sôbre a apavorante esterilidade do Deserto?

Um dos novos poetas brasileiros, Leal de Sousa, subiu, uma noite, ao cimo de uma das montanhas que emolduram a baía, e, de lá, olhou o invisível formigueiro humano, assinalado, em baixo, pelo faiscar medroso das luzes:

As luzes de ouro da cidade
Vaporam fúlgida neblina...
Esquivo ideal — felicidade,
Qual dessas luzes te ilumina?

Nenhuma daquelas luzes indecisas iluminava êsse "esquivo ideal". Como no conto da camisa para o rei, a felicidade, se existia na terra, estava ao longe, protegida pela treva, sob aquele pedaço de esteira miserável, onde não bruxoleava, sequer, àquela hora, uma simples lamparina de azeite...

LXIV

A CIGARRA MORTA

ESTÃO no Brasil, aonde vêm repousar no solo da pátria, os restos humanos de Aluízio Azevedo, dos quais se separou a 23 de janeiro de 1913 o brilhantíssimo espírito que concebeu o *Cortiço*, o *Coruja*, o *Homem*, a *Casa de Pensão*, e outros documentos autênticos e irrecusáveis dos costumes do Rio de Janeiro na primeira década do regime.

Raros escritores nacionais têm sido tão pouco estudados pòstumamente como êsse romancista fidelíssimo, de observação verdadeiramente assombrosa. Após um período de polêmicas suspeitas e apaixonadas, em que a sua individualidade oscilava entre as estrêlas do panegírico e a lama da descompostura, caiu o nome de Aluízio nas águas estagnadas do Mar Morto, aonde lhe não atiraram uma corda, até agora, os escaleres flutuantes da crítica. A sua obra era, porém, suficientemente sólida, preparada para as resistências seculares, e daí

o lugar que ainda ocupa, hoje, na carinhosa simpatia do público.

Aluízio constituía, entretanto, no Brasil, uma figura absolutamente singular de homem de letras, e, com essa feição, um exemplar que forneceria, pela sua originalidade, um estudo curiosíssimo. A evolução do seu espírito daria, por si mesma, um admirável capítulo de romance psicológico. Quem imaginaria, em verdade, que aquele intelectual extremado, analista impenitente da burguesia, acabaria, êle próprio, um burguês frio, prático, material, reduzindo a moeda de ouro do seu sonho, a câmbio alto, ao papel dos proventos reais, palpáveis, positivos? Quem diria, ao vê-lo, sob a árvore da Vida, a embriagar-se com o aroma da flor, que o objeto da sua volúpia viria a ser, depois, a pôlpa suculenta do fruto?

A semente da glória transmudou-se, nele, no mais árido dos cepticismos. A um período de sonho, que foi um deslumbramento, sucedeu uma fase de reflexão, que foi uma catástrofe. Preocupavam-no, nos últimos tempos, paralisando-lhe inteiramente as faculdades criadoras, a transitoriedade da vida, a fragilidade dos triunfos, e a inutilidade, ou, antes, a nocividade da fantasia. A sua última viagem ao Brasil foi, para os amigos, companheiros da mesma jornada, uma dolorosa decepção. Da mudança que nele se operou, então, no estrangeiro, dá idéia um episódio inédito, ocorrido com um dos seus mais íntimos camaradas. Ia Coelho Neto, uma tarde, pela Avenida, quando nas proximidades da "Jardim Botânico", onde tomava o bonde, encontrou, de pé, aguardando viagem, um burguês pacato, grave, paciente, a fumar despreocupadamente um cachimbo. Reconheceram-se:

— Aluízio!

— Neto!

E como não se vissem há alguns anos, entraram na Brahma, onde, matando saudades, tomaram lugar a uma das mesas. De repente, Aluízio interrompeu:

— Mas, que tens feito?

Coelho Neto, sonhador incorrigível, ia explicar-lhe:

— Eu? Publiquei o *Fabulário*, a *Água de Juventa*, o *Jardim das Oliveiras;* tenho pronto o *Rei Negro;* estou concluindo o...

E não terminou: Aluízio, cortando-lhe a palavra, denunciou-se:

— Não é isso, filho, que eu pergunto; eu quero saber é isto: já tens uma casa para teus filhos? Já fizeste o teu seguro de vida? Não iniciaste ainda um pecúlio para a família?

Coelho Neto emudeceu. O Brasil, que havia mandado para o estrangeiro a mais boêmia das suas cigarras, recebia, de retôrno, a mais previdente das suas formigas!

LXV

A CEIA DE AMÍLCAR

APERTAVA Amílcar o anel das suas fôrças de terra e do mar em tôrno de Siracusa, quando, de noite, na sua tenda, teve um sonho maravilhoso. Diante dêle, estendendo-lhe os braços de bruma, erguia-se uma visão indistinta, que lhe dizia:

— Africano, apresta os teus exércitos, e assalta a cidade. Amanhã, a estas horas, estarás ceando em Siracusa...

A profecia não podia ser mais clara, mais positiva, nem mais lisonjeira. De um salto, o cartaginês pôs-se de pé, e, reunindo os seus capitães, os bronzeados chefes dos seus bárbaros, ordenou que o exército se preparasse para a investida, que seria, por determinação expressa dos deuses, às primeiras claridades do amanhecer. E, aos primeiros clarões da alvorada, o exército lançou-se fragorosamente, contra os muros da cidade de Dionísio, de encontro aos quais se esfacelou, como as vagas se esfacelam,

nas tempestades, nos grandes rochedos do mar... E, à noite, humilhado, vencido, carregado de ferros, Amílcar ceava, efetivamente, de acôrdo com a profecia, dentro dos muros de Siracusa!

Guilherme II comprometeu-se, há cinco anos, com os seus generais, a ir almoçar em París. E a promessa vai ser cumprida. Dentro de poucos dias, êle estará alí, para cumprimento da sua palavra. A mesa, pelo menos, já está posta...

LXVI

O JABOTÍ E O VEADO

UM dos contos populares mais correntes no interior do Brasil é, sem dúvida, o do jabotí e do veado, de que já se descobriram variantes em quatro ou cinco literaturas ocidentais. Disputando-se as galias de animal resistente, o veado e o jabotí discutiam qual era, dos dois, o de carreira mais rápida.

— Sou eu! — assegurou o primeiro.

— Sou eu! — garantiu o segundo.

E para liquidação da dúvida, apostam para a carreira entre os dois extremos da mata, afim de ver quem, efetivamente, chegava por último. O jabotí propôs, entretanto, uma cláusula: que o veado, para sua própria comodidade, corresse pela estrada, e que êle, jabotí, fizesse a viagem pelo mato, à margem do caminho. Estabelecido êsse ponto, o quelônio reuniu os outros jabotís, e colocou-os, em cada moita, de cem em cem metros, de modo a ficar o último dêles

exatamente no ponto terminal da carreira. Feito isso, voltou ao lugar de onde deviam sair, e deu a voz de comando:

— Um!... Dois!... Três!...

Ao sinal de partida, o veado disparou pela estrada, multiplicando-se de agilidade. O jabotí, êsse, deixou-se ficar na mesma touceira de arbustos, confiante no plano arquitetado. Percorrido o primeiro quilômetro, o veado gritou:

— Jabotí?...

— Vou aquí — respondeu a voz do jabotí colocado imediatamente adiante.

O galheiro aumentou a violência da carreira, na esperança de passar o competidor, e, vencido outro quilômetro, gritou, de novo:

— Jabotí?...

— Aquí vou! — respondeu a voz, no mato, cem metros acima.

E assim continou a disparada, e de tal modo que, quando o veado chegou ao lugar combinado para têrmo da experiência, já lá encontrou um jabotí perfeitamente descansado, e que lhe exigiu, inflexível, o imediato pagamento da aposta...

Eu possuo um amigo, velho psicólogo, que nutria, e nutre, a veleidade de acompanhar com segurança a marcha dos pensamentos alheios. Para que êle diga o que alguém está pensando, basta que êsse alguém lhe revele o ponto de partida, dizendo-lhe em que pensa no momento. Senhor do fio da meada, o psicólogo se põe, de pronto, a acompanhar no escuro o raciocínio do cliente, de modo que, de cinco em cinco minutos, êle lhe pode anunciar o ponto certo das suas cogitações.

Com essa qualidade, ou, antes, com êsse defeito, êsse homem ilustre constitue, evidentemente, um perigo para a tranquilidade da espôsa, cujas idéias fareja e segue, como se elas se agitassem através de um globo de vidro. Em certo momento, por exemplo, ela lhe pergunta:

— Viste aquele vestido, naquela vitrina?

E' o ponto de apôio, a base imprevista para a silenciosa perseguição. Agarrado a êsse fio de Ariadne, o psicólogo penetra, de olhos fechados, no labirinto de Creta. E desfia a meada, percorrendo, com ela, os infinitos corredores do báratro. Primei-

ro, a mulher deve estar imaginando como ficaria bonita com aquela "toilette". Depois, pensará no preço, demorando-se em cálculos aritméticos. E anda êle tão certo, nessa reprodução das cogitações alheias, que, nesse ponto, a mulher, infalìvelmente, indaga:

— Quanto custará aquele vestido, Augusto?

O nosso homem responde, e, de acôrdo com o que poderá ter sugerido a sua resposta, mergulha, de novo, no oceano. Agora, ela deve estar imaginando o meio de obter aquela "toilette". E faz a estimativa da sua mesada e das suas despesas, concluindo por esta consulta, que o espião, sereno, já espera, pelo fio natural daquelas cogitações:

— Achas que devo comprá-lo?

É destino dos psicólogos, porém, viverem enganados com os outros e, até, consigo mesmos. Se aquí fora, à luz do sol e das lâmpadas que o homem multiplica pelo caminho, ninguém pode acompanhar os passos de outro mortal sem o risco de um engano, de um desvio, de uma pègada falsa, quem poderá fazê-lo com segurança, subs-

tituindo o sinal dos pés pelas palavras, como se elas fossem, em verdade, o rastro sonoro do pensamento?

Ao nosso psicólogo estava reservada, no mundo, uma dessas terríveis derrotas da inteligência. Informada de que o espôso lhe espionava as idéias surpreendendo-lhe mentalmente a conciência, resolveu a ilustre senhora inutilizar em absoluto essa perigosa fiscalização clandestina, desviando hàbilmente o pensamento dêle, ligado, como a própria sombra, aos passos do seu. E, para experiência, predispôs os elementos destinados a essa tremenda luta na treva, concatenando uma série de perguntas lógicas que assinalassem as diversas fases de um mesmo raciocínio, mas preenchendo, ela, os intervalos entre essas fases com pensamentos inteiramente diversos. Assentado isto, saíram a passeio. No automóvel, logo, madame lançou o fio:

— Vamos à casa de Alice?

O marido segurou-se à ponta e seguiu, mentalmente, a marcha da ideação revelada por êsse convite. Mas seguiu sòzinho: a espôsa já havia partido, e seguia, agora, à vontade, outro caminho, pegada ao fio

de outros pensamentos. Sentindo-se, enfim, em liberdade, começa imaginando como aquele marido era estúpido, prendendo-lhe o corpo e espiando-lhe a alma, como um gato que espiasse, dia e noite, o sono ou os movimentos de um pássaro engaiolado! E como seria feliz, ela, se, em vez de lhe pertencer, a êle, tivesse caído nas mãos e nos braços de uma criatura mais jovial, de preocupações menos áridas, que lhe desse, pelo menos, um cativeiro menos severo...

Nesse ponto, virou-se para o espôso, que a olhava, hostil, com os olhos esbugalhados. E pensou: te-la-ia êle surpreendido? Seria verdade, mesmo, que o marido via, como lhe assegurava, os pensamentos dentro do seu cérebro? Na dúvida, fez um esfôrço sôbre si mesma, dominou a sua aflição íntima, e perguntou-lhe, com uma serenidade dissimulada:

— A que horas chegaremos lá?

— Lá, aonde?

— À casa de Alice.

O marido sorriu, acalmando-se. Para êle, a espôsa não desviara, absolutamente, o pensamento, e tanto assim que os fios da mesma idéia, desdobrados isoladamente por

êle e por ela, haviam conferido, afinal, nos postes, que eram representados, aí, pela expressão verbal das idéias elaboradas. Contente, também, por sua vez, com a experiência, madame passou a cogitar, daí em diante, sôbre aquilo que bem quis, tendo, porém, o cuidado de assentar de vez em quando um poste falso, em que o espôso vinha conferir, tranquilo, o fio do seu raciocínio.

Êsses postes representavam, no caso, o papel dos jabotís escondidos nas moitas.

— Jabotí?... — gritava o veado.

— Aquí vou eu! — confirmava o jabotí.

O marido era, naturalmente, o veado...

LXVII

BATINAS ACADÊMICAS

ENTRE os cento e dezenove ou cento e vinte representantes do clero que têm passado pela Academia Francesa, um houve, bispo e cardeal, que muito se assemelha, nas manifestações de modéstia e na especialização da cultura, ao nosso primeiro acadêmico de batina, D. Silvério Gomes Pimenta. E' o Mgr. Perraud, que substituiu Auguste Barbier em 1882.

O Mgr. Perraud era bispo d'Autun quando, por iniciativa da própria Academia, o puseram na cadeira em que se haviam assentado, anos antes, Lacordaire e Gatry. E a escolha foi ditada pelas suas virtudes literárias de purista, que possuía, na expressão de Godefroi, na *Histoire de la littérature française,* "les grandes qualités de la langue, la clarté, la limpidité, la mesure et la précision".

O que, porém, mais aproxima o substituto de Barbier do sucessor de Alcindo Guanabara, é a simplicidade cristianíssima

dos costumes, denunciada pelo cardeal Mathieu, quando êste o recebeu, em novembro de 1882, "sous la coupole". Entre as anedotas características do novo "imortal", que circularam, teve destaque, então, uma, narrada por Joseph Primoli, e divulgada mais amplamente por De Moucheron, no seu livro sôbre a ação do clero na casa de Richelieu.

O bispo Perraud voltava de Roma com a púrpura cardinalícia, sonhando com a poética monotonia da sua diocese, quando, alta noite, sentiu parar o expresso em que viajava. Retomou, porém, o sono, e acordou, alta madrugada, com o trem ainda imóvel. Pensou em um desastre, e olhou para fora. O carro estava às escuras, e, nele, não havia, sequer, um passageiro. Nesse momento, passa um empregado da estrada. Chama-o, e êste acorre, insolente.

— Hé! que faites-vous ici? — pergunta o funcionário.

— J'attends que l'on parte, — responde, humilde, o glorioso servo de Deus.

— Partir? sans locomotive, alors! Ne voyez-vous pas que le train est remisé?

— Où sommes-nous donc?

— A Mâcon. Et vous voulez aller?...

— A Autun.

— Vous auriez dû prendre le train d'Autun, et il est parti.

— Ah! mon Dieu!

— Faites l'étonné, — berra o empregado; — on la connaît celle-là. Vous n'êtes pas le premier. Vouz avez voulu économiser l'auberge et coucher à l'œil dans le train!

— Mais... je vous assure... je dois rentrer dans mon diocèse.

— Vous êtes donc curé?

— Je suis l'évêque d'Autun.

— Allons donc! L'évêque, vous? un cabotin de contrebande! Venez vous expliquer devant l'autorité.

Levado à presença do chefe da estação e constatada a sua identidade, o cardeal soube que haviam mudado o trem, e que só no dia seguinte chegaria à diocese.

— "Je regrette, — diz o chefe — mais la correspondance est partie et il n'y a plus de train direct jusqu'à demain: vous y serez à quatre heures du soir.

— C'est impossible, monsieur, — retruca o prelado, — tous les fidèles m'atten-

dront à la première heure... je dois officier... il faut que je sois là avant midi!

— Que voulez-vous que j'y fasse?

— Faute de train direct, n'y aurait-il pas un train omnibus?

— Même pas!

— Un train de marchandises?

— Ah! — exclama o chefe, — il y a quelques fourgons avec du bétail qui vont partir dans dix minutes pour arriver à Autun à l'heure du marché.

— Permettez-moi de prendre le train des animaux.

— Vous ne pensez pas.

— Je vous supplie.

— Comme il vous plaira."

Pela manhã, a *gare* de Autun estava repleta. A população inteira, com as autoridades à frente, alí se achava amontoada, para receber o seu pastor, elevado ao cardinalato pela glória das suas virtudes. As escolas, as irmandades, as associações religiosas e leigas, com as irmãs de Maria às centenas, moviam-se, animadas, com os olhos na direção de Mâcon. Um assobio prolongado anunciou o trem. A banda de música

trovejou um hino triunfal, no meio de aclamações delirantes.

O combôio parou, com um longo rumor de ferragens. Correram para êle. No meio de um carro, com os braços abertos, o cardeal Perraud, as vestes sujas de carvão e de imundície, chorava e ria, de pé, no alto de uma capoeira de galinhas!

LXVIII

O ALQUIMISTA

A Côrte de Apelação, em julgamento de anteontem, condenou a Santa Casa da Misericórdia a pagar a um viúvo a quantia de cem contos de réis, como indenização pelo desaparecimento misterioso dos ossos da mulher, inumada há quatro anos em um dos cemitérios da capital. Na azáfama com que trabalham, os coveiros teriam lançado à vala comum os restos da virtuosa senhora, supondo tratar-se de sepultura diferente. E como o espôso a amava loucamente, reclamou, agora, da Santa Casa, a referida indenização.

A marcha dêsse processo curioso, que é, apenas, a reprodução de outro que teve início em S. Paulo, vem mostrar quanto andava acertado aquele famoso químico Raimundo Flamel, do conto *A nova Califórnia*, do nosso originalíssimo Lima Barreto.

Na pequena cidade de Tubiacanga, no interior do Brasil, apareceu, uma tarde, um

personagem bizarro, conduzindo uma infinidade de aparelhos misteriosos. Era o alquimista Flamel, indivíduo de reputação universal, que procurava, paciente, uma fórmula para fabricação do ouro. Decorrido um ano, descobriu-se o mistério: êle resolvera o problema fundamental da alquimia, fabricando êsse metal, de parceria com o farmacêutico do lugar, usando, para isso, como ingrediente principal, o osso de defunto! Surpreendido no cemitério na ocasião em que violava os túmulos, o farmacópola quasi vai linchado. O juiz de Direito, o engenheiro da Estrada de Ferro, o tabelião, o carteiro do Correio, o mestre da banda de música, todos, de punhos cerrados, o ameaçaram, terríveis, pelo horrendo sacrilégio. O farmacêutico revelou-lhes, porém, o seu segrêdo, e fugiu. E na noite seguinte, o cemitério de Tubiacanga começou a povoar-se de vultos desconfiados, que se curvavam, cavando a terra sôbre as sepulturas antigas. Eram o juiz de Direito, o engenheiro, o carteiro, o tabelião, enfim, a cidade inteira, que revolvia, frenética, o solo da casa dos mortos!

A solução do processo contra a Santa Casa pertence, nestes tempos, a uma alquimia perigosa. Dentro de alguns meses, não haverá mais um viúvo, talvez, que encontre sob a lousa, na tristeza do sono eterno, os ossos da mulher...

LXIX

OS AGATIRSOS

ENTRE os povos interessantes ou fabulosos que Herôdoto encontrou, com os olhos ou com os ouvidos, nas peregrinações inteligentes, enumera êle os agatirsos, que viviam, então, em uma faixa da Cítia, compreendida, hoje, nos territórios do sul da Hungria.

Os agatirsos foram, inicialmente, uma nação belicosa, que vivia em armas, permanentemente, contra as tribus vizinhas. Pouco a pouco, porém, foram se fartando de guerra e de sangue, até que se tornaram o povo mais pacífico e efeminado daqueles tempos.

E, descrevendo-os, o historiador conta que êles viviam, todos, com delicadezas de dama, usando ornamentos de ouro, como as criaturas de outro sexo, e evitando, sempre, os menores atritos em que fosse necessário um gesto mais enérgico. E conclue: "Êles são, em suma, tão amigos da paz e do sossêgo, que as suas mulheres são comuns,

para que os homens não briguem por ódio ou ciúme!"

Quantos indivíduos não são, moralmente, em nossos tempos, como êsses bárbaros que a História colocou, quasi, fora dos seus limites? Quantos pensadores, artistas e políticos não abdicam a soberania sôbre as próprias idéias, adotando imediatamente as alheias, por simples comodidade?

Informam os sucessores de Herôdoto que os agatirsos desapareceram da terra, absorvidos pelos alanos. E' falso; êles transbordaram da Cítia, e encheram o mundo...

LXX

A QUESTÃO ORTOGRÁFICA

EM uma discussão rápida e fraternal que travaram, pelas colunas d'*A Noite,* sôbre a questão ortográfica, os meus honrados mestres Filinto de Almeida e Augusto de Lima, escreveu êste, numa réplica:

"Não te acompanho, meu querido amigo, na docilidade com que dizes obedecerias à nossa Academia, se esta te ensinasse a escrever *atenção* com três *ttt,* e aprovação com três ou quatro *pppp.*"

Em matéria de ortografia, eu sou de opinião que não há, nem houve, jamais, letras supérfluas, por mais complicada que seja, ou fosse, aparentemente, a grafia das palavras. Cada letra adicionada ou conservada pelos nossos antepassados, tem uma função evidente ou secreta, que a continuidade da observação acaba, um dia, por assinalar.

Há um caso que vale, na sua singeleza, por um documento dessa verdade. E' o que conta, no seu curiosíssimo volume dos *Bons, burros e bravos,* o velho historiador

cearense João Brígido dos Santos, tão famoso, em todo o Norte, pela autenticidade dos seus informes. — Havia no Ceará, nos primeiros anos do século XX, um robustíssimo ancião português, em cujas maneiras e palavras se adivinhava, de pronto, o longo convívio do mar. Era o sr. Antônio Alves Pereira, capitão de navio, que há quarenta anos comandava embarcações de vela entre o pôrto de Fortaleza e o de Lisboa. O sr. Antônio tinha, entre outras, uma curiosidade, que intrigava os contemporâneos: assinava o seu primeiro nome, nos conhecimentos de embarque, ora grafado *Anttonio,* ora *Antttonio,* e ora mesmo, *Anttttonio,* — com dois *tt,* com três *ttt* e com quatro *tttt.* Um dia, um curioso interpelou-o. O sr. Antônio olhou o abelhudo, e explicou:

— Êsses *tt* dependem da mastreação do navio. Se o navio tem dois mastros, assino o meu nome com dois *tt;* se tem três, assino com três *ttt;* se tem quatro, com quatro *tttt.* Compreendeu?

Assim, não há letras excessivas, incômodas, parasitárias. O menos que elas significam, quando as supomos supérfluas, é, às vezes, a mastreação do navio.

LXXI

A LOCOMOTIVA DE TROTZKY

AS planícies da Sibéria repousam, adormecidas, sob o seu imenso lençol de neve, quando os gelos se iluminam, de repente, na curva suave do horizonte. Súbito, um ôlho enorme se abre no meio da noite, avermelhando as geleiras com um jôrro de luz ensanguentado. O ciclope, em carreira furiosa, aproxima-se estalando, bufando, desconjuntando-se, com um soturno ruído de ferragens, até que se afunda de novo na treva gelada, como se tivesse tombado, ao longe, num profundo abismo sem eco...

É assim que atravessa os gelos da Rússia, à noite, o combôio de Trotzky. Formado por quatorze vagões eriçados de metralhadoras, o "trem fantasma" corta o país, dia e noite, em todas as direções. Armado em guerra, está hoje, nas margens do Mar Negro, submetendo marujos revoltados. Amanhã, cedo, estará no Danúbio, servindo de tribuna pacífica, numa festa de

operários, ao secretário geral de Lenine. Se a noite o vê, agora, no Báltico, sob uma chuva de balas hostís, partidas do mar, a alvorada pode encontrá-lo em Moscou, sob um dilúvio de rosas. Êle é a síntese do próprio maximalismo, atravessando a terra, desordenado, entre aplausos e maldições.

E' aí, nos quatorze cárros dêsse trem, que funciona o verdadeiro govêrno de Lenine, manejado pelo pulso de ferro do seu alto comissário na guerra. Dos gelos do Drina às fronteiras da Pérsia, é êle que mantém, permanentemente, o contacto com o mundo inimigo. Com as antenas estendidas sôbre o tôldo do carro, uma estação rádio-telegráfica recolhe, com as unhas de aço, os rumores da terra conspiradora. E são essas mesmas garras que, despedindo faíscas, mandam ordens a todos os emissários, pondo-se, de novo, em marcha, através da Rússia, cortando cidades e vencendo desertos...

Há uma velha lenda do litoral americano do Pacífico, em que os pescadores e marinheiros imaginaram ver, nas noites de tempestade, um grande navio em viagem. É um veleiro rápido, de velas profundas e

negras, que se destacam nas ondas à claridade fugitiva dos relâmpagos. Quando a tormenta reboa no céu e as águas, soturnas e cavas, se enrolam em vagas enormes, os que andam no mar ou velam nas praias vêem, de repente, a embarcação misteriosa. Procelárias noturnas, de asas de corvo e bico de águia marinha, rondam-lhe, aflitas, os mastros e os panos, gritando agudamente. De bordo, onde as sombras humanas se cruzam no tombadilho, partem vozes de comando em hora de procela. As serpentes de fogo que as nuvens agasalhavam, descem do céu, ziguezagueando, e envolvem a nau. O vento sopra, então, mais forte e sinistro, e a embarcação fantasma lá se vai, oceano em fora, cavalgando, dentro da noite e da tormenta, o dorso fervente das ondas...

O navio que assim passa, diz a lenda, é aquele em que Fernão de Magalhães deu volta à Terra, em 1520. Perdida no Pacífico, a nau do navegador continua, por um castigo de Deus, a cumprir o seu destino misterioso, lutando com as vagas, no oceano, nas noites de tempestade...

Ao trem de Trotzky está reservado, talvez, o mesmo destino lendário.

Daquí a cem anos, quando o homem tiver conquistado os desertos da Sibéria e as vizinhanças do mar Ártico, a gente crédula dêsse tempo verá, também, atravessando as planícies de gêlo, um grande combôio fumegante. O ôlho rubro da locomotiva assombrada afugentará, de noite, os caminhantes retardatários. Estalos de máquina dispersarão, na sombra, os rebanhos apavorados.

E o trem de Trotzky passará, bufando e correndo, pelas planícies sem trilhos, indo perder-se, ao longe, como um fantasma, nas geleiras seculares do polo...

LXXII

O CONSELHO DE NUMA

UM dos idealistas que pretendem colaborar na constituição da Liga das Nações, lembrou, em Londres, a dissolução do Exército das potências, contentando-se os povos, apenas, com as pequenas fôrças policiais, destinadas às suas necessidades internas. O mundo seria, assim, a imagem de uma sociedade polida, cujos membros, entre si, se tratariam pùblicamente com absoluta confiança e delicadeza, guardando, entretanto, para a família, na esfera doméstica, o espírito de autoridade e as asperezas do temperamento.

Vitoriosa, que fosse, essa idéia, sobraria razão aos homens assim governados para requererem, por sua vez, o desarmamento das milícias nacionais, desde que elas constituam, como entre nós, um mero susbtentáculo dos governos. Quando Guliver, em Brobdingag, contou ao rei que na Inglaterra havia um Exército em plena paz, criado e sustentado para segurança da monarquia,

o soberano franziu o sobrolho de côvado e meio e indagou: espantado:

— Vós sois, então, governados sem o vosso consentimento? Se o vosso rei tem a certeza de que vos faz a felicidade, que é que teme, para cercar-se, assim, de homens armados?

Essa observação dos monarcas de conciência não ficou, entretanto, nos domínios da ficção. Houve na História ou, pelo menos, na lenda autenticada, soberanos que pensaram, ou agiram, como o gigantesco soberano de Swift. Conta Plutarco, na vida de Numa Pompílio, que êste, ao aceitar o govêrno da cidade recém-nascida, tratara de dissolver a guarda de trezentos satélites que Rômulo havia instituído, destinada, ùnicamente, à segurança pessoal de quem governasse. Estranhando aquela imprudência, perguntaram-lhe os sacerdotes se êle não se precavia contra as demasias do povo, nos arrebatamentos peculiares à multidão. Numa, que era sábio mesmo sem a sua ninfa, respondeu-lhes, de pronto:

— Os romanos, que me fizeram o seu rei, é porque confiam em mim; e se êles não confiam em mim, eu não devo ser o seu rei.

E dispensou a guarda.

Não estarão aí, na História e na ficção, dois grandes conselhos aos que governam os povos contra a vontade das maiorias sem armas, fiados, apenas, na violência das minorias armadas?

LXXIII

MESTRE GONÇALO

COM a sua modesta oficina provinciana, onde concertava cordões de latão e pequenas jóias de gente pobre, gozava mestre Gonçalo Fernandes da consideração geral do povoado, quando lhe bateu à porta, uma noite, o velho preto Belisário, antigo faiscador do coronel Benício Sobreira, proprietário de minas inesgotáveis nas torrentes do Jequitinhonha.

— Boa noite, mestre Gonçalo!

— Boa noite, pai Belisário!

Sentados um diante do outro nos toscos bancos da tenda, o preto revelou o segrêdo daquela visita: havia encontrado uma pedra, um diamante do tamanho de um ovo, e trazia-o ao seu amigo e compadre, para que a tratasse e guardasse, como propriedade de comum. Era indispensável, entretanto, um segrêdo absoluto, para que não fossem vítima, os dois, de uma traiçoeira perseguição.

Assim que pai Belisário se afastou, o ourives aferrolhou a casa, e passou a noite a rolar nas mãos a pedra maravilhosa, o diamante encantado de que devia sair, de repente, a fortuna da sua pessoa e a universalidade do seu nome. E tal foi a emoção que se apossou, nessa noite, do seu cérebro fatigado, tantos fulgores passaram, nos sustos da vigília, pela sua imaginação febril, que ao clarear do dia, mestre Gonçalo estava cego!

Que importava, porém, a luz do dia, o ouro do céu, a claridade das alturas, se êle trazia um fogo interior, que o iluminava e aquecia? Que falta lhe faziam os astros da amplidão silenciosa, se êle apertava nas mãos um minúsculo planeta, que resumia, no valor e no brilho, as irradiações do sol e das estrêlas?

Deslumbrado pelo seu sonho, mestre Gonçalo procurou, tateando, um quarto escuro da casa, e, sorrindo, nele se trancou, sòzinho, com dois ou três instrumentos do seu ofício. Rodeado pela escuridão absoluta, que enchia o ambiente e lhe jorrava dos olhos, passava, assim, o velho artífice, as suas noites e os seus dias, polindo e repolindo o seu diamante misterioso. Na sua desgraça, que o pensamento da riqueza acalentava, só o preocupava uma cousa: o espanto do povoado, da província, do mundo, no dia em que êle surgisse do seu esconderijo com aquela estrêla nas mãos!

Um dia, dada por concluída a sua obra, mestre Gonçalo saiu, de repente, da escuridão da sua oficina, trazendo nos dedos um objeto facetado. Era uma pedra vil, que êle polira e repolira durante dois anos, na cegueira dos seus olhos, na febre da sua ilusão!

— O meu diamante! O meu diamante! — bradava êle, rindo e chorando. — A minha fortuna! a minha "Estrêla do Pastor"!

Os aprendizes, supondo-o louco, correram ao seu encontro. E para não irritar o infeliz, louvaram, todos, a pedra maravilhosa.

Após um ano de peregrinação pelos arredores do povoado, mostrando a um e a outro a sua "Estrêla do Pastor", mestre Gonçalo foi encontrado, certa manhã, à margem de um regato, apertando um seixo nas mãos.

No seu rosto cortado de rugas, havia um sorriso de misericórdia para os que ficavam. Morrera sorrindo, feliz, na ilusão de ter polido na vida o maior diamante que ia faiscar sôbre a terra!...

Quantos homens de letras, artífices da oficina do Sonho, não consomem a vida inteira polindo e repolindo uma pedra sem preço, acreditando terem nas mãos, como mestre Gonçalo, o maior diamante do mundo?

LXXIV

FIM DE ANO

SENTADOS, um diante do outro, numa ponta de nuvem que se fixara no espaço, trabalhavam, na sua atividade infatigável e eterna, o Tempo e o Destino. Urdiam, os dois, a teia infindável dos Séculos. Com os braços estendidos, o Tempo sustentava a meada de fio de que são formados todos os acontecimentos da História. E' um filamento uniforme, igual, que tem, em toda a sua extensão, duas faces distintas: uma, dourada, que dá, na teia, a claridade dos dias, e outra, negra, que imprime à obra do Destino a tonalidade soturna das noites.

Com a sua agulha vagarosa, o Destino trabalha. O desenho da teia, cujo princípio ninguém vê, é perpètuamente renovado pelo espírito inventivo do tecelão. Cada palmo de tecido contém um episódio novo, um quadro imprevisto, uma ilustração variada. Como nas tapeçarias orientais, cruzam-se os guerreiros, travam-se as ba-

talhas, passam as mulheres, ou levantam-se, dominando um conjunto de acontecimentos, os retratos dos príncipes, dos poetas, dos heróis. De vez em quando, as figuras começam a aparecer mais espaçadas, mais confusas, menos originais. De repente, porém, tudo se transforma, e os desenhos se precipitam, as gravuras se aglomeram, os episódios se sucedem, se comprimem, se misturam. São os períodos gloriosos ou anônimos da eterna atividade dos homens...

Com os braços erguidos, o Tempo olhava, indiferente, a linha da meada desaparecer, volta a volta, devorada pelo trabalho do Destino, quando, por uma súbita curiosidade da inteligência, lhe perguntou, num gemido:

— Quando consentirás tu, ó tecelão, que eu descanse por um momento os meus braços? As tuas mãos, porventura, não se fatigam? Pousa por um instante a tua agulha de ferro e de ouro, para que eu possa olhar sem pressa o trabalho maravilhoso que tens feito. A minha memória não abrange mais, pela conciência do número, as voltas desta meada que tenho visto desenrolar-se, monótona, para as necessidades do teu desejo. Cada volta que desfazes, é um ano que devoras, uma sucessão de noites e dias que se fundem, anônimos, na teia do teu bordado. Pousemos, por um minuto, os braços e as mãos, rejuvenescendo pelo descanso os meus músculos fatigados e a tua imaginação delirante, que se vai tornando uniforme pela intensidade da criação!

Despertado pelo Tempo, o Destino, sem se deter, começou a meditar. A sua teia estava, em verdade, monótona e igual. No princípio, o desenho representava, apenas, um globo triste, abandonado no vácuo. Após um trecho de bordado confuso, aparecia um homem nu, habitante dos rochedos e companheiro soturno das feras. Outras figuras, quasi idênticas, se sucediam, sublimes na sua bravura, magníficas na sua brutalidade. Mais tarde, êsses homens, agrupados em tôrno de um chefe, combatem outros chefes, destroem outras raças, escravizam outros homens. Levantam-se, então, as primeiras cidades, rodeadas de muralhas. Cavaleiros de catadura selvagem, empunhando adagas, manejando lanças, erguen-

do nas mãos brutais pesados instrumentos de ferro, partem, uivando, gritando, para a destruição de outros cavaleiros. Figuras enormes, severas, monstruosas, enchem, de vez em quando, um pedaço de teia. Espantados com a fera desconhecida, os leões, os tigres, os lobos, as panteras sanguinárias e os répteis coleantes, vêm, todos, à orla do areal ou da selva, para o espetáculo de barbaria que lhes dá, na fúria dos combates, a coragem do monstro novo... Aquí e alí, com olhos na altura, levanta-se uma sombra fugitiva. E' um profeta, um santo, um apóstolo, um sonhador que convoca os homens itinerantes, pedindo-lhes um pouco de trégua e oferecendo-lhes um pouco de sonho. A multidão estaca, rodeia o apóstolo, ouve-lhe o verbo, respira a flor ignota que a sua mão lhe oferece. De súbito, sopram os ventos, uiva o mar, turvam-se os céus, estala a tempestade. O agrupamento dissolve-se, e o temporal arrebata, uivando, o pequeno rebanho de sombras...

O Destino olhava, sem pousar a agulha, os antigos palmos da teia, quando o Tempo o intimou, novamente:

— Pousa a tua agulha, tecelão. Descansemos um pouco. A meada é interminável e meus braços tremem, cansados. Que seria da tua obra, se eu me rebelasse? O fio, revôlto, confuso, não permitiria a continuação do teu trabalho. E' com o fio do Tempo que o Destino tece a teia da História...

— E que seria, também, o fio do Tempo sem a inteligência do Destino?

Levantando os olhos vigilantes, o Tempo deteve, por um instante, o fio miraculoso.

Foi nesse momento que Josué, paralisado o curso do Sol, entrou em Gabaon...

ÍNDICE

PÁG.

I — O carro de Górdio 9
II — Os pombos de Mercúrio 11
III — A prudência de S. Benedito 15
IV — A "terra dos brasileiros". 19
V — A "Aliança" 23
VI — Se nós fôssemos candeeiros 25
VII — Diocleciano. 27
VIII — D. Silvério. 29
IX — Os sacerdotes de Baal. 33
X — A taça dos sete sábios 35
XI — A beatificação de Galaaz 37
XII — Os elefantes 41
XIII — Os filhos de La Fierté 43
XIV — As nossas relíquias 47
XV — Elogio do subôrno 51
XVI — O sofá da saleta 55
XVII — Os caçadores e os cães 59
XVIII — Ha-Tchim 61
XIX — O valor dos anzóis 65
XX — De Napoleão a Clemenceau 69
XXI — Kerensky. 71
XXII — Frieda 73
XXIII — Encerrando a sessão 81
XXIV — O rapto do Maneco 83
XXV — A exaltação de Lázaro. 87
XXVI — Uirarí! Uirarí! 91
XXVII — O prestígio do sabonete 93

PÁG.

XXVIII — A vitória do homem bom . . . 97
XXIX — Los nietos de Don Ignacio. . . 99
XXX — A convalescença da França . . 103
XXXI — O Cid mineiro 105
XXXII — A lição do Hedjaz 109
XXXIII — O touro e o cupim 113
XXXIV — A vingança do califa 117
XXXV — O mate 121
XXXVI — A fogueira do Cedron. . . . 125
XXXVII — Wang-Tiseto-Mang. 129
XXXVIII — A última odalisca 133
XXXIX — As barbas do defunto 135
XL — Os netos de Numa 139
XLI — Lisonja americana 141
XLII — As mulheres do sultão. . . . 143
XLIII — O dia de Ibraim 147
XLIV — Tristezas atrasadas. 149
XLV — O cetro de Felipe 151
XLVI — O destino dos ídolos 155
XLVII — A piedade de Alexandre . . . 157
XLVIII — No frigir dos ovos 161
XLIX — Alberto Faria 165
L — A alegria dos heróis 169
LI — As rãs de Augusto. 173
LII — Os novos fanáticos. 175
LIII — O mundo interior 179
LIV — O tesouro 183
LV — A modéstia portuguesa. . . . 185
LVI — Os camelos do rei 189
LVII — A denúncia dos grous. . . . 193

PÁG.

LVIII — Veridiano. 197
LIX — O ouro de Mitridates 199
LX — A dúvida dos Apícios 205
LXI — Como se fez a República . . . 209
LXII — A cabeça de Símaco 213
LXIII — A felicidade 215
LXIV — A cigarra morta. 219
LXV — A ceia de Amílcar 223
LXVI — O jabotí e o veado 225
LXVII — Batinas acadêmicas 233
LXVIII — O alquimista. 239
LXIX — Os Agatirsos. 243
LXX — A questão ortográfica 245
LXXI — A locomotiva de Trotzky . . . 247
LXXII — O conselho de Numa 251
LXXIII — Mestre Gonçalo. 255
LXXIV — Fim de ano 259